



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
BACHARELADO EM ANTROPOGIA

Patrícia Postali Cruz

MAPENDO A REDE ECOLÓGICA NA REGIÃO DE PELOTAS:
Organização, alimento e corpo.

Pelotas
2014

PATRÍCIA POSTALI CRUZ

**MAPENDO A REDE ECOLÓGIA NA REGIÃO DE PELOTAS:
organização, alimento e corpo.**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas como parte das exigências para obtenção do Título de Bacharel em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Pereira Neto

Pelotas
2014

Catálogo na Publicação:
Kênia Moreira Bernini
CRB - 10/920

C957m Cruz, Patrícia Postali
Mapeando a rede ecológica na Região de Pelotas :
organização, alimento e corpo / Patrícia Postali Cruz ;
Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, orientador - Pelotas,
2014.
52 f.

Trabalho de conclusão (Bacharelado em
Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pelotas, 2014.

1. Rede ecológica. 2. Agência. 3. Risco. I. Silva Neto,
Francisco Luiz Pereira da, orient. II. Título

CDD 301

PATRÍCIA POSTALI CRUZ

**MAPENDO A REDE ECOLÓGIA NA REGIÃO DE PELOTAS:
organização, alimento e corpo.**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas como parte das exigências para obtenção do Título de Bacharel em Antropologia.

Aprovada em: Pelotas, 24 de julho de 2014.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Francisco Luiz Pereira Neto – Orientador
PPGAnt/ UFPEL

Prof Dr^a. Helen Gonçalves
UFPEL

Agradecimentos

Aos familiares que sempre caminharam junto nessa conquista, em especial ao pai e à mãe, pois sem sua força e garra nada disso teria sido possível, fica meu eterno agradecimento pelas oportunidades oferecidas.

Aos interlocutores da pesquisa e amigos da vida. Fico meu eterno agradecimento por acreditarem e confiarem no trabalho desenvolvido.

Ao Dr. Francisco Pereira Neto por acreditar nas propostas e devaneios que sondam todos os dias sua orientada. Agradecer pelos ensinamentos e pela compreensão diária ao realizar este trabalho junto comigo.

Ao companheiro e amigo Fernando B. da Silva por ficar ao meu lado nestes tempos de página em branco e tempo corrido. Agradecer pelas palavras de acalento e por acreditar nesta caminhada conturbada. Fica aqui minha eterna gratidão por tua presença solidária na criação deste trabalho.

*Eu bem que sabia que a nossa visão
é um ato poético do olhar
Assim aquele dia que eu vi a tarde
desaberta nas margens do rio
Como um pássaro desaberto em cima
de uma pedra na beira do rio
Depois eu quisera também que a minha palavra
fosse desaberta na margem do rio
Eu queria mesmo que as minhas palavras fizessem
parte do chão como os lagartos fazem
Eu queria que minhas palavras de joelho no chão
pudessem ouvir as origens da Terra.*

(Manuel de Barros)

Mapeando a rede ecológica na região de Pelotas: organização, alimento e corpo.

Resumo

O presente trabalho se propôs a analisar a organização da rede ecológica na região de Pelotas e, enfim, trazer elementos construtores da visão de mundo dos atores organizados em torno da questão ecológica. Por fim, vincular como os atores humanos experimentam e sentem o ecológico em suas práticas e lógicas corporais. O estudo teve como cenário a região de Pelotas e seus espaços de comercialização de produtos ecológicos (feiras ecológicas, lojas, restaurantes e propriedades de famílias ligadas à produção ecológica na região). Utilizou-se enquanto recurso metodológico entrevistas abertas e observação participante, ferramentas cunhadas a partir do método etnográfico. Discutem-se, a partir dos dados de campo, algumas possibilidades de motivação dos atores à mudança para as práticas ecológicas. Relacionando a rede local à rede ampla, podemos inferir que a construção dos significados do ecológico relacionam elementos locais (geografia, paisagem, recursos alimentares) à elementos mais gerais ligados as novas tendências alimentares, permeados pela lógica do *risco* dos alimentos envenenados. Entretanto, para além do plano ideológico e racional a questão ecológica parece se objetivar na experiência cotidiana, no ato de se alimentar, são *os gostos dos alimentos que são diferentes e o corpo que fica mais saudável*. Neste modo, o estudo procura compreender as categorias acionadas para construir o mundo em meio ao cotidiano ordinário, inter-relacionando o modo de organização da rede ecológica, os elementos que a compõem e a ação do alimento no corpo dos atores humanos.

Palavras-chaves: Rede ecológica. Agência. Risco.

Abstract

The present study proposes to analyze as if organizes the ecological network in the region of Pelotas and, finally, bring elements builders of world vision of actors organized around the ecological question. Finally, bind as the actors experience and feel the ecological in its practices and logical body. The study scenario the region of Pelotas and their spaces of marketing of green products (ecological fairs, shops, restaurants and properties of families linked to ecological production in the region). It was used as methodological resource open interviews and participant observation, tools minted from the ethnographic method. It is discussed, from the field data, some possibilities for motivation of the actors to change for environmental ecological practices. Relating the local network to network wide, we can infer that the construction of meanings of ecological related local elements (geography, landscape, food resources) to more general points relating to the new food trends, permeated by the logic of risk of food poisoned. However, in addition to the ideological plan and rational ecological question seems to objectivity in daily experience, the act of eating, *are the tastes of foods that are different and the body that is healthier*. In this way, the study seeks to understand the categories engaged to build the world in the midst of ordinary daily life, inter-relating the mode of organization of the ecological network, the elements that make up and the action of the food in the body of the human actors.

Key Words: Ecological network. Agency. Risk.

Sumário

1 Introdução.....	10
2 A formação do objeto em campo: os encontros etnográficos.....	13
2.1 <i>Entrar</i> no movimento ecológico.....	15
2.2 Metodologia: como (ou tentando) rastrear o coletivo?.....	18
3 “Ecologia em Ação”: alimento ecológico e a dinâmica de organização da rede local.....	21
3.1 Rede ecológica: entre trajetórias de vida e a dinâmica do movimento.....	21
3.2 Mas afinal, do que se trata o ecológico?.....	32
4 Risco e agência: para pensar a questão ecológica.....	37
4.1 Entre pureza e perigo e as consequências do risco.....	37
4.2 A visibilidade cotidiana do risco, corpo e alimento ecológico.....	41
4.3 Experiências: trajetórias e motivações aos alimentos <i>naturais</i>	45
5 Conclusão.....	50
Referências.....	51

1 Introdução

Na busca por uma essência do rural e do urbano, enquanto categorias genéricas, a Sociologia Rural se sustenta num conjunto de oposições e diferenças entre rural/urbano, natureza/cultura, agricultura/indústria, entre outros. Entre estes, destaca-se a associação, quase que consensual, entre o rural e o agrícola, o que acabou por reduzir a sociologia rural à sociologia da atividade agrícola, ou, mais especificamente, à sociologia do desenvolvimento agrícola (CARNEIRO, 2008). O urbano aparece aqui como sinônimo de civilidade e de desenvolvimento pela indústria, enquanto o rural ainda é o espaço da rusticidade, que tende a se desenvolver pela modernização¹ da agricultura.

Na história e na literatura as abordagens sobre campo e cidade não diferem muito da proposta pela Sociologia Rural. Raymond Willians (2011) ao trabalhar as concepções da literatura e da história em torno dessas duas categorias, observa que são concebidas a partir de descrições universalizantes, como formas de vida fundamentais. Entretanto, o autor aponta que a realidade histórica das formas de vida e de reprodução social são variadas, tanto no campo quanto na cidade, não havendo em absoluto uma relação de identidade com os atores sociais. A vida do campo é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões (WILLIANS, 2011, p.21).

Na bibliografia atual, os camponeses são frequentemente representados como “vítimas passivas” às pressões de modernização a partir dos moldes da cidade, seja em relação aos procedimentos agrícolas como também às pressões culturais. Como observa Ploeg (2008, p.37), “os estudos camponeses têm sido negligentes em reconhecer a *condição de agente* dos camponeses, o que é uma consequência óbvia (não-intencional) do seu posicionamento epistemológico”.

Maria José Carneiro (2008), ao tratar das diferentes posturas teóricas que alimentam o debate acerca do mundo rural na sociedade contemporânea, destaca três principais correntes: a) fim do camponês seria a expressão de um processo

¹Conforme Marques (2010, p.22) “a modernização da agricultura, de modo abrangente, está relacionada ao processo de “externalização” e de “cientificação” da agricultura, e está associada a um modelo de desenvolvimento agrícola, cujas diretrizes fundamentais são a intensificação, uniformização e a especialização no processo produtivo, bem como o aumento da mercantilização, da escala de produção e da integração setorial com a indústria.”

inevitável de urbanização dos espaços, como uma decorrência natural da evolução da sociedade; b) natureza como objeto de contemplação: permanência do rural como um espaço de bens naturais e, por fim, c) fim da dicotomia rural/urbano para qualificar realidades distintas: a partir da abordagem na noção de economia 'local' ou 'regional'².

O campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações. Temos uma experiência social concreta não apenas do campo e da cidade, em suas formas mais singulares, como também de muitos tipos de organizações sociais e físicas intermediárias e novas. (WILLIANS, 2011, p.471)

Com o intuito de diminuir possíveis dicotomias que essencializam o que é rural e o que é urbano é que esse trabalho se propõe a analisar inter-relações e aproximações entre eles a partir de um fato social emergente na modernidade: a questão ambiental. Assim, o campo ecológico, por exemplo, é um bom ponto de partida para evidenciar a agência dos atores em relação a outros ideários abrangentes e ressaltar o diálogo existente entre estes universos na constituição do movimento ecológico na região. É nesse sentido que utilizo as ideias de Augé (2010) quando aponta que as fronteiras têm dimensões temporais e não de espaços, “assinala, de início, a necessidade de aprender para compreender” (ib. , 2010, p.25).

Assim, espero deixar evidente, logo no início deste trabalho, que o ecológico encarna dimensões espaciais e temporais variadas. Dessa forma, tratar a questão ecológica estritamente ligada aos sistemas de produção (rural) e ao consumo (urbano) aponta para um caminho analítico simplificado, o qual mascara as complexas associações que são construídas em torno de uma cultura alimentar ecológica.

Importante salientar, ainda, que o movimento ecológico aparece neste trabalho como o *lócus* de minha pesquisa, entretanto, o objeto de estudo está ligado à esfera da experiência do ecológico nos corpos de atores do movimento a partir de suas percepções. Como iremos observar no decorrer do trabalho, o universo de ação do movimento é bastante complexo, onde atores de diferentes naturezas protagonizam a construção do universo de sentidos. Entretanto, em função de se

²Ver Sarraceno (1994) sobre a abordagem sustentada na economia 'local' ou 'regional' proposta por Carneiro (1998).

tratar de uma monografia, realizei o recorte de trabalho em torno do tema corpo e alimento por compreender ser uma das esferas do movimento onde emerge relações importantes para este campo de ação como, por exemplo, relação entre natureza e cultura, puro e impuro, natural e industrial. Aqui se faz importante ressaltar a esfera dialógica entre essas categorias e não a dimensão de oposição entre elas.

Nesse sentido, algumas perguntas vão sendo formuladas no diálogo do empírico com o teórico: Que atores emergem no movimento ecológico na região de Pelotas? Como um universo de ação ligada a práticas ecológicas é construído? Que categorias são utilizadas para habitar o mundo a partir da experiência com o ecológico? Como o ecológico vai agindo nos corpos que o experienciam cotidianamente? A tentativa de esclarecimento dessas perguntas vai definir os rumos deste trabalho.

Por fim, este documento irá apresentar o trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Antropologia/UFPEL. A proposta aqui apresentada se configura em uma discussão em torno da rede ecológica na região de Pelotas, enfocando a agência dos alimentos e do ecológico no corpo dos atores humanos. Para isso, será tratado no tópico da introdução como ocorreu a entrada em campo e, também, elementos ligados ao percurso metodológico para efetuar a pesquisa. No capítulo II tratarei de configurar brevemente a organização do movimento ecológico na região de Pelotas a fim de dimensionar ao leitor do que se trata o universo de minha pesquisa. Neste sentido, também trarei alguns conceitos que estruturam a visão de mundo deste grupo a fim de aproximar possibilidades teóricas à lógica de dinâmica deste campo de ação. Por último, no capítulo III, focarei a análise do trabalho em torno da agência dos alimentos nos corpos, através do conceito de risco. Para isso, num primeiro momento, serão trabalhados os conceitos de risco, perigo e confiança a fim de analisar de que forma esses conceitos podem ser interessantes para pensar a questão ecológica na região de Pelotas. Em seguida, serão aproximados estes conceitos às trajetórias dos atores entrevistados nesta pesquisa, analisando, assim, a relação entre corpo, experiência e alimentação ecológica.

2 A formação do objeto em campo: os encontros etnográficos

Antes de iniciar a discussão teórica compreendo ser interessante salientar como o problema de pesquisa se constrói até aqui. Para mim este universo de ação militante em torno de uma produção ecológica, era desconhecida até ingressar no Grupo de Agroecologia³ da Universidade Federal de Pelotas em 2007. O grupo era um projeto de extensão, proposto pelos estudantes dos cursos da agronomia e biologia, basicamente. A premissa fundamental era a união da prática e da teoria, relação esta, que na visão dos alunos, era falha no processo de formação profissional desenvolvida pela Universidade.

Dessa forma, ao ingressar no GAE como aluna de graduação em Biologia/UFPEL, me aproximei deste universo. As ações do grupo eram bem pontuais e se voltavam mais para o estudo de técnicas agrícolas em função do contato mais direto com o curso e estudantes de Agronomia da referida universidade.

Foi no contato com a Antropologia que tentei compreender melhor do que realmente se tratava esse movimento, numa relação de aproximação recente e, ainda, desconhecimento da lógica que regia a formação de um movimento tão complexo. Nesse sentido, foi pelas ferramentas metodológicas e teóricas da antropologia que tentei (e ainda tento) tornar o que agora é familiar em algo que seja conhecido e compreensível, ou ainda, nas palavras de Da Matta (1981), transformar o familiar em exótico.

Para isso comecei a me aproximar mais da Antropologia ao ingressar no curso de graduação. Com o tempo me inseri no Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Consumo (GEPAC), o grupo contava com alunos de graduação e mestrado de diversas áreas que tinham como ponto em comum o estudo do rural. Uma parceria entre projetos de pesquisa ligados ao GEPAC e projetos de pesquisa ligados à EMBRAPA⁴ fizeram com que uma equipe de antropólogos e agrônomos realizassem uma pesquisa etnográfica e documental sobre os hábitos alimentares e

³ “O Grupo de Agroecologia (GAE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) surgiu em 1993, a partir da necessidade percebida por um grupo de estudantes da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (FAEM) de discutir outras formas de se pensar agricultura. O objetivo do grupo é fomentar práticas e debates fundamentados na agroecologia, primando sempre por uma troca de conhecimentos e experiências, tanto na comunidade acadêmica, quanto na comunidade em geral” (BROLESE et. al, 2007).

⁴ Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

modos de vida de famílias rurais de diferentes origens e identidades étnicas, presentes nos processos de formação social das colônias da região de Pelotas (RS).

Nesta iniciação na pesquisa etnográfica, tive o privilégio de acompanhar o cotidiano de uma família de agricultores ecológicos da região, a família Schiavon. Atualmente a propriedade da família se caracteriza pela produção ecológica, tendo ampla visibilidade no cenário da produção regional. A propriedade recebe visitas periodicamente, são professores, pesquisadores, estudantes universitários, técnicos de empresas de extensão, entre outros. Dessa forma, percebi um rural distante da ideia de local atrasado e/ou selvagem como as bibliografias costumavam reportá-lo. Além disso, ao se tratar de uma família imersa em discussões referentes às questões ambientais contemporâneas, percebi que a construção de visão de mundo destes atores ultrapassava concepções restritas ao rural ou ao universo de produção. Colocou-se, nesta inserção de pesquisa, uma circulação aparente de elementos significativos tanto para atores do rural quanto para atores do urbano. Nestas inquietações, as quais foram surgindo ao longo da imersão em campo, eu passei a procurar ferramentas que aparentemente podiam dar conta da complexidade deste fenômeno social.

Procuro, neste trabalho, ultrapassar a ideia de um espaço de ação restrito à comercialização. Percebo que este campo, ligado à inserção do ecológico no cotidiano daqueles escolheram por este modo de vida, se objetiva no alimento produzido e consumido, mas se configura em diferentes dimensões da vida cotidiana. Como aponta Leomar (2014), um dos interlocutores da atual pesquisa, “tu te envolve num *pensamento mais ecológico do mundo* (grifo meu) é uma mudança de vida mesmo, tem que mudar toda a tua vida, a vida da família, não dá nisso para tu fazer uma coisa isolada”. Compreendendo então a complexidade e heterogeneidade presente no movimento ecológico na cidade de Pelotas, o que meu estudo se propõe a refletir, neste trabalho de mestrado, é como se organiza este campo de ação e quais elementos estruturam esta forma de habitar o mundo.

Assim, a pesquisa se inicia no mestrado em Antropologia em 2014 e o trabalho de conclusão do bacharelado em Antropologia segue como uma parte deste trabalho mais amplo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt/UFPEL). Dialogando com a teoria contemporânea da antropologia e a experiência vivida com os atores do movimento ecológico parto, então, para exposição das reflexões alcançadas até este momento.

2.1 *Entrar* no movimento ecológico.

No percurso do campo realizado até aqui a aproximação se deu, primeiramente, enquanto uma militante do movimento ecológico na região. Entretanto, na aproximação com a disciplina antropológica, outras inquietações e percepções foram me chamando a atenção. Na tentativa de transformar esse familiar em exótico (DA MATTA, 1983), fiquei um ano afastada dos espaços de ação deste movimento. Como uma metodologia de acesso, passo então a olhar de fora para, no momento seguinte, voltar a olhar com os “olhos de dentro”. Quando Peirano (1995) afirma que a distância necessária para produzir o estranhamento será sempre psíquica, em um dado momento desta imersão, observei-me reconhecendo mais como um “deles” do que como uma estudante que se propunha a refletir sobre o universo de significados. É assim que busco esse distanciamento e me coloco, durante um tempo, na solidão da reflexão para, num segundo momento, poder compreender do que se trata esse fenômeno social.

Para falar do *entrar* em campo se torna fundamental, antes, abordar as reflexões teóricas que foram sendo construídas no tempo de solidão. Dessa forma, o que procurei foi utilizar lentes da antropologia que deformassem as demarcações de fronteiras precisas entre o universo do rural e do urbano e, a partir daí, compreender o que de fato fazia parte do universo de sentidos do movimento ecológico.

Nesse sentido, a teoria do ator-rede, conforme proposto por Latour (2012), aparece como uma possibilidade teórica e metodológica para o estudo do empírico. O que o autor propõe é, basicamente, superar a forma de produzir conhecimento nas ciências humanas, pautado nos dualismos opostos e em concepções pré-definidas do que se trata o “social”, formada a partir de vínculos essencialmente sociais. A proposta aqui é a produção de uma ciência que possa estabelecer um diálogo simétrico com diferentes atores que compõem o mundo.

No livro ‘Jamais fomos modernos’, Latour irá tratar o percurso das divisões dicotômicas e assimétricas do mundo ocidental. O que explicaria a grande divisão exterior – Nós e Eles – seria a diferenciação absoluta entre natureza e cultura (grande divisão interior), sendo ela muito mais uma definição particular do mundo ocidental e de suas relações com o mundo do que uma explicação universal aplicável a todos coletivos. Ou seja, a divisão assimétrica do mundo ocidental entre natureza e cultura(s), implica na forma de produzir conhecimento do ocidente,

elevando essa lógica particular de mundo a todos os outros coletivos. Neste sentido, compreendo que esta forma de diálogo impede a real compreensão da totalidade da existência de um coletivo, pois “não cabe ao sociólogo decidir antes e em lugar do membro aquilo de que é feito o mundo” (LATOUR, 2012, p.51).

Seguindo a proposta de Latour (2012), todo cientista do social deve estar preparado para esquecer quaisquer categorias filosóficas ou antropológicas como: tempo, função, estrutura, psique, espaço. Em meio a essas reflexões é que a ideia que me parece mais contundente para a execução do projeto é a perspectiva metodológica de “seguir os próprios atores”.

Ou seja, tentar entender suas inovações frequentemente bizarras, a fim de descobrir o que a existência coletiva se tornou em suas mãos, que métodos elaboraram para sua adequação, quais definições esclareceriam melhor as novas associações que eles se viram forçados a estabelecer. (LATOUR, 2012, p. 31)

Treinando o meu olhar para enxergar dentro dos olhos dos interlocutores, passo a ver um universo heterogêneo. São espaços, instituições, conhecimentos e fazeres dialogando na rede que vai compondo, atualmente, a malha de sentidos do movimento ecológico. A partir daqui, com um olhar e um ouvir atento ao que os atores (humanos e não humanos) tinham a me ensinar, passo a tentar escrever por onde caminha o encontro com o campo. Proponho este texto a partir da trajetória de vida dos atores que tive mais contato durante os últimos meses do campo.

Espero, assim, trazer para o leitor, alguns significados que parecem ser fundamentais para a construção/estruturação do movimento ecológico e, num segundo momento, abordar a questão da agência do ecológico na experiência mediada pelos corpos dos atores da rede. Dessa forma, é importante salientar que a perspectiva do trabalho é trazer, através da trajetória dos atores humanos a constituição deste campo de ação e algumas categorias que formulam uma cosmovisão entorno do ecológico.

A entrada em campo se inicia por uma interlocutora que participa do movimento desde o início de sua formação na região, meados dos anos 80. Helga começa a se comprometer com o movimento ainda como professora do curso de graduação em Ciências Domésticas da Universidade Federal de Pelotas. Em experiências de projeto de extensão por ela coordenado a interlocutora entra em contato com organizações religiosas ligadas aos produtores rurais na região.

Na trajetória do movimento ecológico, por ela contado chego, até Leomar. Este interlocutor se torna importante para o meu trabalho pela sua trajetória expressiva no cenário urbano enquanto precursor das discussões em torno da questão ecológica na cidade de Pelotas. Leomar, como Helga o define, é um militante na causa ecológica. Sua ação no movimento tem início no primeiro ano da feira, por meados do ano de 1996. Leomar, juntamente com um grupo de amigos consumidores, iniciam o comércio de produtos ecológicos na cidade de Pelotas.

A partir de entrevistas e conversas informais com estes dois interlocutores percebi uma forte presença de duas organizações religiosas na organização dos grupos de agricultores ecologistas: o CAPA – Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor e a Pastoral Rural. Reconhecendo a importância das instituições referidas acima procuro o CAPA a fim de realizar entrevistas com técnicos e extensionistas rurais, entretanto, a inserção na instituição me foi negado. Parti então para trajetórias de duas lideranças importantes no movimento, uma de cada grupo de agricultores ligado às organizações religiosas.

Rosa é uma agricultora que tinha, inicialmente, uma inserção muito forte nas eclesiais de base da Igreja Católica. Ligada hoje à associação ARPA-SUL, Rosa iniciou sua inserção nos grupos de organização de agricultores através do Movimento de Mulheres Camponesas, no início dos anos 80. Em uma parceria entre o movimento de mulheres e a comunidade católica – Pastoral Rural – a interlocutora participa dos primeiros movimentos que caminharam na organização de um grupo de agricultores que produzissem de forma ecológica.

Por fim, trago outro ator humano importante para o movimento ecológico, o agricultor Ivo. Ele ingressa no movimento ecológico a partir de ações ligada ao CAPA na região de Canguçu, no início dos anos 80. Ele se torna influente nas ações organizativas da Igreja Luterana, se tornando um dos primeiros presidentes da cooperativa ligada ao CAPA, a Sul Ecológica.

Nesse sentido, os atores aqui relatados brevemente fazem parte de uma parcela da complexidade da organização do movimento ecológico na região. Como ficará perceptível ao longo das páginas seguintes deste trabalho, o esforço é relatar a trajetória do movimento ecológico na região, através da história contada por diferentes atores do movimento, a fim de situar o leitor no universo de pesquisa do meu trabalho. A partir daí a análise do trabalho se coloca na relação da agência do alimento e do ecológico nos corpos de quem o consome.

2.2 Metodologia: como (ou tentando) rastrear o coletivo.

O trabalho de pesquisa parte da metodologia base da disciplina antropológica – a etnografia – em busca de uma leitura dos sentidos e das visões de mundo (cf. GEERTZ, 2013) presente nos discursos e nas práticas dos atores humanos. Essa perspectiva parte do princípio que “o sujeito e os sentidos do mundo vivido estão se constituindo mutuamente na dialética da compreensão/interpretação” (CARVALHO, 2002, p.31). Dessa forma, é abolida deste trabalho qualquer perspectiva dicotômica entre o plano da ação e das ideias. Quando compreendido que os atores estão diante de um *mundo-texto* não há possibilidade de distinção entre estes dois planos, pois eles se tornam agentes permanentes na construção de sentidos deste mundo que está por se desvendar. Sendo assim, neste trabalho, procuro seguir o explicitado por Carvalho (2002, p.31):

Diferentemente de um *sujeito-observador*, situado fora do seu tempo histórico, perseguindo os sentidos verdadeiros, reais, permanentes e inequívocos, o *sujeito-intérprete* estaria diante de um *mundo-texto*, mergulhado na polissemia e na aventura de produzir sentidos a partir de seu horizonte histórico.

É nesse sentido que este trabalho compreende a importância dos atores da rede na constituição dos universos de sentido que constroem esta expressão do campo ambiental na região de Pelotas. Além disso, não procuro aqui priorizar um discurso ou uma ação, mas sim a compreensão deste *mundo-texto* que se apresenta para os diversos atores.

Portanto, a escolha é clara: ou seguimos os teóricos sociais e iniciamos a jornada determinando de início que tipo de grupo e nível de análise iremos enfatizar, ou adotamos os procedimentos dos atores e saímos pelo mundo rastreando as pistas deixadas pelas atividades deles na formação e desmantelamento de grupos. (LATOURETTE, 2012, p.51)

Como colocado anteriormente, o método base para o trabalho de pesquisa é o etnográfico. Dessa forma, se fez uso de duas ferramentas deste escopo metodológico: entrevistas abertas e observação participante. Compreendendo que o método etnográfico aponta para uma ética de interação construída sobre a premissa da relativização e da reciprocidade cognitiva pela convivência consentida (ROCHA & ECKERT, 2013, p.105), é que este trabalho priorizou o processo de interação ou,

nas palavras das autoras, o encontro intersubjetivo entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados.

Dessa forma, o objeto de pesquisa foi sendo construído em campo, a partir da inter-relação entre diferentes atores e entre pesquisador e pesquisado. Como propõe Sáez (2013, p.121):

A antropologia-etnografia pode ser definida como uma ciência em que o objeto não pode ser plenamente definido no projeto. Ou melhor, aquela em que o objeto atinge no projeto uma definição apenas provisória, à espera da sua transformação pela própria pesquisa. Isso acontece, é claro, porque o protocolo etnográfico exige abertura empírica.

O caminho de pesquisa se formulou a partir das narrativas da trajetória de diferentes atores. A partir de entrevistas abertas, foram entrevistados: a) agricultores ecologistas de duas associações⁵ atuantes na cidade (ARPA-SUL⁶ e Sul Ecológica⁷) e b) comerciantes de lojas e restaurantes de alimentação ecológica. A escolha destes grupos ocorreu no intuito de priorizar diferentes locais de fala do movimento, seguindo a dinâmica de organização da rede. Ao pautar a heterogeneidade do movimento, compreende-se que os diferentes locais de fala (institucionalizados ou não) devam estar presentes no mapeamento da rede.

Este percurso metodológico priorizou a trajetória de vida de atores ligados ao movimento ecológico. Assim, a metodologia etnográfica se torna o meio para análise da dinâmica da rede que constrói o campo ambiental neste universo de pesquisa. O que está em questão aqui, não são os coletivos nem instituições, eles aparecem no trabalho como uma entrada na esfera deste campo. Preocupou-se então com o

⁵ Este delineamento realizado a partir das instituições é colocado apenas para facilitar o entendimento para o leitor da dinâmica de organização do movimento ecológico na região. Isto não significa, como podemos observar nos próprios objetivos do projeto, que a prioridade seja a fala institucionalizada. Ela certamente também é construtora das significações em torno deste campo ambiental, mas não pode ser compreendida aqui como a mais significativa para os objetivos do projeto e, muito menos, ignorada neste campo.

⁶ A Associação Regional de Produtores Agroecologistas da Região Sul (ARPA-SUL) foi a primeira organização de agricultores ecológicos da região sul do estado. Ela foi criada em 15 de setembro de 1995, pelo esforço do CAPA, CPT e dos agricultores. O objetivo era unir produtores ecológicos para realizar a primeira feira que aconteceria na região de Pelotas. A Associação tem cerca de 40 famílias associadas que abrange a região rural de Pelotas e os municípios do entorno da cidade.

⁷ A Cooperativa Sul Ecológica de Agricultores Familiares Ltda. foi fundada em dezembro de 2001, contemplando agricultores ecologistas de 9 municípios da região sul do Rio Grande do Sul. A cooperativa, assistida pelo CAPA, foi criada no sentido de terem uma entidade que lhes representasse frente aos mercados e os auxiliasse na organização e planejamento da produção. Atualmente, a cooperativa conta com uma feira permanente de produtos ecológicos no prédio junto ao CAPA.

mapeamento das controvérsias e da rede⁸ em torno da questão ecológica, enfocando a relação do alimento com a construção social do corpo saudável.

Cabe ainda ressaltar, que essa pesquisa optou em trabalhar com o método de indicação, ou seja, a partir das conversas formais e informais com cada ator que vai se inserindo à rede estudada procurei entrar em contato com aquelas pessoas e instituições que foram sendo citadas. Buscou-se assim, formular uma espécie de rede heterogênea do movimento ecológico, sem privilegiar qualquer um dos locais de fala.

⁸ Na tentativa de definir a proposta metodológica e teórica apontada pela Teoria do ator-rede, a qual fundamenta, em certa medida, a metodologia adotada neste trabalho, Latour (2012, p. 44) aponta que “em lugar de assumir um postura sensata e impor de antemão um pouco de ordem, a ANT se considera mais capaz de vislumbrar ordem *depois* de deixar os atores desdobrarem o leque inteiro de controvérsias no qual se meteram. É como se disséssemos aos atores: “Não vamos tentar disciplinar vocês, enquadrá-los em nossas categorias; deixaremos que se atenham a seus próprios mundos e só então pediremos sua explicação sobre o modo com os estabeleceram”. A tarefa de definir e ordenar o social deve ser deixada aos próprios atores, não ao analista. É por isso que para recuperar certo senso de ordem, a melhor solução é rastrear conexões *entre* as próprias controvérsias e não tentar decidir como resolvê-las.”

3 “Ecologia em Ação”: o alimento ecológico e a dinâmica de organização da rede local

O movimento ecológico se torna expressivo na região de Pelotas a partir de discussões e ações propostas por uma heterogeneidade de atores. Este capítulo tem como finalidade trazer, a partir de uma polifonia de vozes, a dinâmica de organização do movimento na região. Como poderemos observar nas páginas que seguem há uma complexidade na dinâmica de formação da rede ecológica, a qual ultrapassa os espaços restritos às feiras na cidade. Pretendo com esta descrição situar o leitor no universo de pesquisa e propor algumas reflexões em torno da questão ecológica, compreendida neste trabalho enquanto um modo de vida que constrói visões de mundo e modos de fazer.

Para fins de entendimento dos motivos que escolho compreender as manifestações em torno da cultura alimentar enquanto um movimento, é importante salientar primeiramente que este conceito, conforme utilizado neste trabalho, ultrapassa uma dimensão estrita à uma ideologia política sistematicamente organizada. Utilizo, então, o conceito formulado por Bobbio e Mateucci (2004) o qual afirma que ‘os movimentos sociais constituem tentativas – pautadas em valores comuns àqueles que compõem o grupo – de definir formas de ação social para se alcançar determinados resultados’. Nesse sentido, espero deixar claro ao leitor, a forma com que este universo de ação se configura em torno de um elemento central: a questão ecológica.

3.1 Rede ecológica: entre trajetórias de vida e a dinâmica do movimento

Helga inicia sua trajetória no movimento ao acaso. Como professora se insere num projeto mais amplo, proposto pela gestão do Reitor Gigante da Universidade. O projeto visava a inserção da universidade na sociedade e a ampliação da forma de produzir conhecimento. Neste objetivo, a Universidade passa a construir projetos estruturados em torno da tríplice ensino, pesquisa e extensão.

É em meio a essa lógica que Helga formula um projeto para trabalhar em escolas na área rural. O projeto piloto, como ela denomina, foi executado na comunidade de Rincão dos Melões na região de Canguçu. O grupo de trabalho era

formado por professores e alunos de graduação em agronomia e ciências domésticas que realizavam, através do projeto, seus estágios curriculares. Num diálogo com a comunidade, o grupo de trabalho começa a conhecer diferentes experiências, experiências estas que pouco eram abordadas pelas vias formais da universidade. No reconhecimento do entorno da escola a equipe encontra um assentamento que acolhe a proposta de trabalho do projeto.

A prática do projeto inicia com vestuário, ministrando na comunidade cursos de corte e costura. Com a vivência na comunidade, começam a perceber a importância da alimentação e é aí que a equipe de trabalho se sensibiliza com a forma de fazer agricultura do assentamento. O grupo de mulheres passa então a ser o proponente dos cursos. Com sua *farmácia viva* as mulheres do assentamento passam seu conhecimento sobre chás e plantas medicinais para outras mulheres da comunidade.

No contar sobre as práticas, Helga está a todo o momento dialogando com as consequências da industrialização da agricultura. O ponto forte, não é a mudança de uma técnica em si, mas como essa mudança afeta o modo de vida das comunidades. Antes, a visão que organizava as comunidades era de coletivo, hoje se *individualizou para preparar para o consumo*.

[...] O que vinha sendo construído desde o início da industrialização da agricultura, porque a gente poderia chamar assim a industrialização, quando foi introduzido tudo, os insumos químicos, o trator, lá na década de 60 final de 50, 60. O que foi introduzido então, se antes a gente tinha uma visão comunitária [...] eles sobreviveram as suas comunidades porque eles faziam juntas as coisas, faziam mutirão, faziam, por exemplo, carneavam a carne, um porco e ficavam, eles não tinham geladeira, eles não tinham nada, então ficava cada um com um pouco e os vizinhos tudo. Aí outro matava e passava pra outro então isso foi o sistema comunitário antes né... aí veio essa industrialização da agricultura, onde se separou: grupo de mulher, grupo de jovens e grupo de homens. Isso antes não era assim, aí veio através da Emater/Ascar, que antes era ASCAR. Aí podemos dizer né, isso dividiu a família, na verdade individualizou para preparar pro consumo lá na frente, na verdade quer dizer quem planejou esses projetos para terceiro mundo planejou muito bem, porque era a industrialização não só da agricultura mas do consumo, da produção e do consumo, e ninguém trabalhava com essa visão assim, aí a gente começou de ver, aí nós tivemos de ir lá pra trás e ver como é que começou essa construção do individualismo dentro da industrialização né, para gente ver onde a gente podia começar a desconstruir essa visão individualista e começar a fazer práticas no sentido de construir um coletivo né. (HELGA, 2014)

Além disso, ela traz a necessidade de produzir um conhecimento integrado. É aí que o projeto piloto surge como um desafio para alunos e professores. O que se

busca são práticas coletivas, tanto no modo de organização do grupo quanto na forma de produzir o conhecimento pelo projeto.

Com o tempo o projeto acaba se direcionando para o trabalho com grupos de agricultores ecológicos e a equipe passa a acessar outras entidades que trabalhavam com grupos de agricultores, assentados e quilombolas. Inserem-se em um projeto mais amplo, o Projeto Tear, coordenado pela Pastoral Rural e o Capa, no qual tinha o objetivo de organizar a produção ecológica na região de Pelotas.

Com o meu intuito de mapear essa rede, encontro Rosa⁹. Ela, uma agricultora ecologista, está presente no movimento desde o início de suas ações. Conforme me relata, se insere nos grupos ecologistas a partir do movimento de mulheres camponesas. No diálogo com a diocese católica surge a ideia de organizar grupos de famílias para produzir ecológico.

Ela (a diocese) se preocupava muito nessa linha, e nesse período eu estava ainda no movimento, aí eles lançaram uma pessoa que fazia um trabalho de pastoral rural. Então aí entrou o movimento junto, aí a gente saiu, conversando com as pessoas, discutindo solo, semente, saúde, água e assim por diante, e aí foi indo indo e aí tudo que se trazia das famílias se levava para a diocese se levava pro movimento, e aí foi foi foi que há 20 anos atrás surgiu a ideia de [...] da própria diocese, de organizar uns grupos de famílias, e aí não tinha limite, para produzir orgânico e comercializar orgânico para ver o que ia acontecer, e aí a gente foi por aí que a gente começou e está até hoje.

Ivo, inicia o trabalho da família com o movimento ecológico a partir da inserção do projeto do CAPA na região de Canguçu. Iniciam pequenas iniciativas na região, num trabalho de grupo, alguns agricultores então começam a transição para uma produção ecológica. Aqui, novamente, o contraponto à industrialização da agricultura se coloca como motivador destas iniciativas e a organização em grupo sendo um ponto fundamental para impulsionar as mudanças nas famílias de agricultores.

[...] foi quando o CAPA se inseriu na região [...] que naquela época era bem pequeno era dois técnicos só e foi um trabalho que eles começaram então em 82, 83 e pra resgatar um pouco assim como é que era a agricultura do passado como é que nossos antepassados produziam e que era então produzir sem adubo e sem agrotóxico que ali pelos anos 70 então foi o alto

⁹ Nos contatos já estabelecidos com o movimento antes mesmo da proposição desta pesquisa, já havia conversado com Rosa algumas vezes. Sabendo de sua caminhada por dentro do movimento das mulheres camponesas e pela diocese católica, me interessei em dialogar com ela em função do protagonismo que a interlocutora apresenta na comunidade e no grupo ecologista no qual participa atualmente – a ARPA SUL.

ali da revolução verde, famosos adubos e defensivos, então isso tava chegando na agricultura, na agricultura familiar também né, nos anos 80 que entrou mais essa questão dos adubos e defensivos e a gente via que aquilo ali não era uma agricultura sustentável porque tu ficava dependendo dos recursos externos né [...] (IVO, 2014)

O projeto piloto no Rincão dos Melões acaba não tendo mais incentivo da Universidade e se extingue. Algumas pessoas da equipe de trabalho do projeto passam, então, a atuar no projeto Tear na parte da organização da comercialização no centro urbano. Assim, Helga e um grupo de alunos passam a fazer parte da construção desse *caminho da roça à mesa*.

[...] era um caminho que se incluía tanto o agricultor como o consumidor, nós então dentro desse grupo, dessas entidades que ali naquele momento era a pastoral rural e o CAPA com esse projeto TEAR, nós nos comprometemos de trabalhar a parte de comercialização para chegar até o consumidor e, a partir disso, nós preparávamos material para levar nas reuniões, e nós discutíamos isso no grupo de técnicos também. (HELGA, 2014)

Neste momento, com o trabalho das eclesiais de base com os grupos de agricultores, já se tinha uma organização da produção ecológica na região. O desafio agora era onde comercializar esse alimento. Para construir estes espaços o grupo propõe uma visita à COOLMÉIA, uma cooperativa da região de Porto Alegre, que iniciou a organização do comércio urbano de produtos ecológicos na cidade. Segundo relato da interlocutora se organizou um grupo de agricultores e alunos, foram, então, até Porto Alegre vivenciar a realidade da rede de comercialização que estava sendo construído na cidade.

Para impulsionar a comercialização do que era produzido pelos grupos assistidos pelo CAPA e Pastoral Rural, as duas organizações se unem e, em parceria, fundam a ARPA-SUL¹⁰. Conforme aparece no estatuto da associação, a ARPA-SUL tem como objetivo viabilizar a reprodução da propriedade rural dos produtores ecologistas. A partir daí a associação de agricultores se caracteriza como o espaço da comercialização pela via direta ao consumidor, além de organizar a produção a partir de grupos de famílias.

A ARPA-Sul foi formado por grupos que era assistidos pelo CAPA e pela PASTORAL da igreja católica, então era das duas igrejas, tinham trabalhos

¹⁰ A Associação Regional de Produtores Agroecologistas da Região Sul (ARPA-SUL) foi a primeira organização de agricultores ecológicos da região sul do estado. Ela foi criada em 15 de setembro de 1995, pelo esforço do CAPA, CPT e dos agricultores.

que eram voltados para a agricultura familiar, as duas igrejas tinham trabalho até em parceria, então aí que surgiu a associação ARPA, foi um momento assim importante com muita dificuldade e tal né. (IVO, 2014)

Após várias discussões no grupo de agricultores, entre agricultores e técnicos e a própria prefeitura da cidade, decidiu-se inaugurar a feira ecológica na Rua Dom Joaquim na cidade de Pelotas. As decisões partiram do princípio de que a comercialização desse tipo de produção deveria ficar evidente o tipo de alimento que estava sendo produzido. Rosa afirma que a motivação para comercializar esse produto num local diferente da feira convencional ocorreu a partir da motivação de construir o espaço da feira junto com os consumidores. Nesse sentido, Ivo aponta que construir um local de comercialização somente com produtos ecológicos seria uma maneira de divulgar o trabalho que estava sendo realizado.

Fazer uma feira em outro lugar, caracterizar bem a mudança de produção e tipo de produto num outro lugar e daí também foi uma boa duma discussão que levou algum tempo e aonde chegamos na conclusão num lugar onde a gente também pudesse construir esse lugar, porque senão ficaria muito no senso e os consumidores não teriam condições de diferenciar esse processo. O que na verdade era um processo de mudança como um todo, não era só uma mudança para um produto que não tivesse veneno, era um processo de mudança da forma de viver, nas formas de se relacionar com o agricultor, com a própria vida, com a saúde. (HELGA, 2014)

Figura 1: Espaço de comercialização Feira Arpa Sul na Av. Dom Joaquim



Fonte: Foto acervo pessoal (2012)

Conjuntamente com a necessidade de organizar a produção e viabilizar a comercialização, havia a necessidade de sensibilizar a malha de consumidores e simpatizantes do movimento ecológico. É no processo de *educação* do consumidor que emerge outro ator importante na construção dessa rede do ecológico, Leomar. Na época ele era aluno das ciências domésticas e orientado pela professora Helga. Leomar se insere no movimento ecológico a partir das feiras, em meados de 1996. Juntamente com um grupo que vinha de Porto Alegre, da cooperativa COOLMÉIA, eles organizam uma banca na feira com mural do consumidor e com produtos que não eram produzidos pelos agricultores da região como suco de uva, massa de tomate, enfim, produtos processados.

[...] aí com esse olhar mais ecológico a gente começou a se questionar dessa questão sobre o lixo aí tu começa entra nesse meio de vivência, essas coisas com o pessoal que vinham de Porto Alegre, os da COOLMEIA, que eles vinham uma vez por semana para ajudar a fazer a feira ecológica e aí nós começamos a fazer a feira ecológica também com o mural do consumidor a gente fez um mural de junco e pvc e colava os cartazes tipo orientação sobre alimentação, sobre meio ambiente essas coisas assim que achava que interessava pra esse tipo de consumidor para essas pessoas que estavam se envolvendo com esse consumo. (Leomar, 2014)

Para Ivo, a participação do *grupo da cidade* foi fundamental para a consolidação da feira. Além de participar ativamente das feiras, o grupo se comprometeu na divulgação do movimento ecológico que se iniciava na região. Eram realizadas ações em diferentes pontos da cidade como universidades, locais públicos, praças. Segundo Helga, os alunos produziram panfletos e cestas com o intuito de levar a ideia adiante e sensibilizar as pessoas com a questão ecológica, como ela mesma define, *foi um processo muito criativo*.

No cotidiano das feiras Leomar se sensibiliza cada vez mais com o trabalho no movimento ecológico. Com o aumento da produção, muitos produtos começam a sobrar no final da feira. O grupo de consumidores ou *militantes* – como Helga os define – resolve, então, ficar com esses produtos na cidade para dar outro destino a esses alimentos, afinal, *começou de observar que isso tava criando um desestímulo naqueles agricultores* (HELGA, 2014). Apoiados no exemplo da cooperativa Coolméia, o grupo levanta a ideia de abrir um entreposto na cidade de Pelotas.

A formação do entreposto inicia em uma garagem cedida por um militante, do grupo de consumidores, do movimento. Iniciaram, então, produzindo cestas para vender. Ofereciam principalmente aos professores da universidade e amigos mais

próximos do grupo. A iniciativa começou a crescer e o grupo constrói uma loja para vender as hortaliças que sobravam da feira.

Começamos até a organizar uma loja, uma lojinha assim mais organizada dentro da casa, porque daí esses consumidores ali, cederam a primeira sala para nós aí nós arrumamos a sala e fomos para dentro de casa, saímos da garagem e daí já foi um pouquinho mais.. aí já tinha mais produto aí já começaram a produzir pão também porque as agriculturas não produziam pão nada disso... então essas coisas eram produzidas pelos alunos na verdade. (HELGA, 2014).

Segundo Leomar, com o passar do tempo muitas pessoas desistem de continuar com a iniciativa. Leomar, Helga e Regina, seguem no trabalho. Mudam a *lojinha* para uma casa na Rua Sete de Setembro intitulada *Ponto Verde*, ali continuam com as hortaliças e, além disso, produzem pão, biscoito, granolas para sustentar o espaço. Contavam também com o auxílio da cooperativa COOLMÉIA para distribuição de outros produtos que ainda não tinham na região como arroz, suco de uva, entre outros.

Com o tempo a demanda de consumidores começa a aumentar e se mudam novamente para uma casa um pouco maior na Rua Piratinino de Almeida. Ali, além do entreposto, os *militantes* passam a oferecer sopas no local e é assim que inicia a ideia de construir um restaurante somente com produtos ecológicos. Passado um período de um pouco mais de um ano, a casa já não comportava mais tanto consumidor.

Mudam-se novamente, agora para a Praça Coronel Pedro Osório (local onde atua até os dias atuais) e formam o Restaurante Teia Ecológica. Ali inicia um espaço mais amplo com mais opções de comercialização tanto no entreposto quanto na comida servida no restaurante. A organização do trabalho também se modifica, o que antes era uma microempresa passa a ser uma cooperativa. Leomar aponta que a proposta era realizar um trabalho de cooperação entre os *operadores do comércio*¹¹. Na cooperativa a proposta, além da venda de alimentos ecológicos, era realizar cursos de formação de consumidores. Uma integrante da Coolméia, a Cléu,

¹¹ Em um dado momento da conversa, Helga aponta os *operadores do comércio* como um terceiro ator nesse movimento. Para ela, o movimento seria formado por três categorias de ação: a) agricultor; b) consumidor e c) operadores do comércio. Quando relata as controvérsias deste movimento, fica evidente que a categoria operadores do comércio não estariam organizados e/ou mobilizados tanto quanto os agricultores e consumidores. Tratarei melhor essas nuances no próximo ponto deste esboço do capítulo etnográfico.

realizou uma série de cursos através da Teia, *ela dava cursos para cozinhar arroz integral, essas coisas de um alimentação vegetariana* (HELGA, 2014).

Figura 2: Jornal local divulgando o trabalho realizado pelo movimento ecológico na região.

Domingo, 18 de agosto de 1996 **Diário da Manhã** Cultura 11

HARMONIA
Feira com produtos agroecológicos

Por Carlos Cogoy
Fotos: Vilmar Tavares

Pequenos agricultores estão oferecendo produtos que não envenenam o consumidor. Reunidos na Associação Regional de Produtores Agroecológicos (ARPASUL), há um ano realizam feira na avenida Dom Joaquim. Sem agrotóxicos e a interferência de atravessadores, a produção apresenta preços compatíveis com as feiras convencionais



Acelino Carús e Liomar Souza coordenam entreposto da Teia

ARPASUL Associação Regional de Produtores Agroecológicos

Os sábados, das 7h30min às 13h, na esquina da av. Dom Joaquim com República do Líbano, acontece uma feira diferente. Pequenos agricultores da Zona Sul, reúnem-se de forma associativa para a comercialização de produtos. Sete grupos, congregando cada qual a média de dez agricultores, oferecem alimentos que não sofreram o envenenamento através de agrotóxicos. Sob coordenação da professora Helga Heck, estudantes da UFPel têm colaborado através da orientação aos consumidores e produtores. A atividade de extensão gerou o surgimento do grupo de servidores ecológicos da ARPASUL. Organizados no entreposto TEIA, situado no Largo de Portugal nº 1160, estão desbravando novos mercados para a produção agroecológica.

TRAJETÓRIA - Há dez anos, agricultores que dependiam dos atravessadores para escoar a pequena produção, começaram a receber orientação para que fosse buscada a alternativa coletiva. A coordenação passa da Pastoral Rural e Central do Alpinu ao Pequeno Agricultor (CAPA) - vinculada à Igreja Luterana de São Lourenço do Sul. Como objetivo, a prática solidária para valorizar o trabalho, e a diferença da produção sem agrotóxicos. O resultado é a Feira Ecológica, sucesso há um ano.

AMIGOS - Desde o primeiro sábado na avenida Dom Joaquim, que a ARPASUL, conta com o apoio de amigos. A Cooperativa Ecológica Coolméia de Porto Alegre, compartilha a experiência e assessora os pequenos agricultores. Estudantes da UFPel, através da disciplina de extensão rural, ministrada pela professora Helga, integraram-se ao projeto. Helga Heck esteve ligada ao projeto pedagógico implantado na UFPel em 1989, sob coordenação da professora Mabel Cunha. Como objetivo, integrar ensino, pesquisa e extensão, em atividades comprometidas com a maioria da população. Desde a primeira Feira, os estudantes desenvolvem campanha para conscientizar os consumidores sobre os benefícios da alimentação integral. Liomar Silva de Souza é estudante de economia doméstica, e recorda que a participação ocorreu lentamente. Na primeira feira, o envolvimento foi tímido e apenas cinco camisetas foram vendidas. Além de cartazes e panfletos, os estudantes comercializam camisetas com o chamamento "Consumidor ecológico - seja mais 1".

TEIA - Há três meses, os estudantes começaram a especular sobre uma forma de sistematizar o trabalho. Além da participação na feira, destinada ao consumidor, também estão sendo desenvolvidos trabalhos junto ao produtor. Eles realizam levantamento de preços em comparação com as feiras convencionais, e indicam que a diferença é quase inexistente. Liomar Souza dialoga as hortaliças integradas daqueles que obtêm no trânsito tradicional. Segundo ele, a Zona Sul do Estado tem pequena produção de hortaliças. O produto comercializado é proveniente de cidades vizinhas, sendo transportado através de caminhão. Como consequência, a qualidade deteriorada. A produção da ARPASUL mantém a pureza, oferecendo alimentação sadia e integral. A Teia está representada no resultado de pesquisa feita em julho, por estudantes, na Feira Ecológica. A maioria dos consumidores aprovou horário e local da feira, e sugeriu mais variedade de frutas. A pesquisa detectou que os consumidores são de diferentes bairros da cidade.

Fonte: Acervo pessoal do interlocutor Leomar.

Figura 3: Jornal local divulgando o trabalho do entreposto Teia.

ARPASUL - LIGAR O PRODUTOR SEMPRE AO CONSUMIDOR, SEM INTERMEDIÁRIOS, COM O APOIO DE AMIGOS. A Cooperativa Ecológica Coolméia de Porto Alegre, compartilha a

dos consultados aprovou horário e local da feira, e sugeriu mais variedade de frutas. A pesquisa detectou que os consumidores são de diferentes bairros da cidade.

Cesta no entreposto da Teia

TEIA
alimento ecológico integral

"Pretendemos aproximar o produto ecológico do consumidor, para que tenha a oportunidade de experimentá-lo e comprovar sua qualidade alimentar. Os produtos ecológicos são cultivados sem veneno, e sem adubos de alta solubilidade, o que os tornam integrais e com todas as propriedades que promovem uma alimentação saudável". A afirmação é dos integrantes da Teia, que desde junho estão com entreposto, onde oferecem produtos dos agricultores da Feira Ecológica. Aos sábados, através do fone 27.8325, pode ser encomendada a "Cesta Ecológica". A TEIA está localizada no Largo de Portugal nº 1160 - entre avenida Saldanha Marinho e prédio da antiga estação ferroviária.

CESTA - A TEIA é formada por Liomar Souza, Acelino Carús, Helga Heck e Fernando Duarte. Além da ARPASUL, o entreposto recebe produtos da Coolméia, CAPA de Santa Cruz do Sul e Camaquã. Principalmente aqueles derivados da agroindústria, processo ainda incipiente na Zona Sul. Conforme revela Liomar, a Teia poderá receber novos amigos. A ampliação depende do crescimento da demanda junto à comunidade. Numa típica casa que remonta às primeiras décadas do século, a TEIA oferece ambiente descontraído, leve, agradável e sadio. Nas prateleiras inúmeras curiosidades, e os preços equivalem aos duvidosos produtos das grandes indústrias. Ontem foi o terceiro sábado com a oferta da "cesta ecológica". A iniciativa tem demonstrado o aumento pela procura, e são oferecidas duas propostas básicas. Na primeira, o total é de R\$10,50. A segunda apresenta mais itens, e sobe para R\$16,00. Também existe a lista com opcionais ecológicos. **INFORMAÇÕES NA TEIA.**

AGROINDÚSTRIA - A alimentação integral promove o equilíbrio físico e psicológico, proporcionando o reencontro da energia vital. E a mudança de hábito alimentar não é mais privilégio de elite com poder aquisitivo. A TEIA serve como exemplo, pois os produtos estão acessíveis à população. Além dos agroecológicos, também é importante conhecer as novidades da agroindústria. Sem conservantes, aromatizantes e outras pitadas diárias de envenenamento, os produtos substituem a variedade indispensável no cotidiano. Assim, é possível encontrar vinagre, molho de tomate, biscoitos, geleia. Liomar cita que os ovos comercializados provêm de galinhas que são alimentadas de forma integral. Portanto, salienta, o ciclo ecológico está completo.

EQUILÍBRIO - A TEIA é mais uma opção para a vida saudável, e conjuga o equilíbrio físico com a leveza interior. Trata-se de harmonia, estimulando a ação coletiva da ARPASUL. **PRESTÍGIO.**

Produtos naturais a preços populares

Fonte: Acervo pessoal interlocutor Leomar.

No mesmo movimento que andava o comércio local, as feiras ecológicas também aumentavam suas vendas e conquistavam novos espaços. Foi assim que iniciou as feiras da Av. Bento Gonçalves, do bairro Fragata e do Largo do Mercado Público. Apesar dos grupos de agricultores irem diminuindo ao longo do processo de consolidação do movimento, a oferta de produtos foi aumentando. Em parceria com outras instituições e grupos, os agricultores começam a se especializar mais e expandir a produção dentro da propriedade. Alimentos processados como: extrato de tomate, sucos de uva, vinho, pães, cucas, rapaduras começam a ser produzidos pelos (as) próprios agricultores (as). Aumentando a auto-suficiência da produção pela via dos grupos de agricultores.

Com uma produção mais avançada os agricultores decidem explorar outros mercados de comercialização, dessa vez os institucionais. Aqui se divide os grupos de agricultores associados da Arpa Sul¹² em duas cooperativas: a Sul Ecológica (assistida pelos técnicos do CAPA) e a Arpa Sul (assistida pelos técnicos da Pastoral Rural). Importante ressaltar que a associação da Arpa Sul continua e ficam responsáveis pelas feiras livres na cidade, as cooperativas se direcionam aos mercados institucionais que começam a surgir no cenário regional no início dos anos 2000.

Neste processo começam a ocorrer algumas rupturas bem importantes na trajetória do movimento ecológico na região. A primeira, e talvez a mais significativa pela fala dos agricultores, é quando a Pastoral Rural deixa de fazer parte do processo ativamente. Os associados da Arpa Sul passam a não ter mais assistência na organização dos grupos e, aqui é interessante ressaltar que muito mais do que “sentirem” a falta da assistência técnica o *grande entrave* foi a falta de incentivo no transporte dos produtos até a feira, atividade que até então o técnico da Pastoral Rural desempenhava.

[...] aí não teve mais assistência, aí não teve mais aquele incentivo aí o pessoal que não desistiu de trabalhar é o pessoal que continua trabalhando com as suas próprias pernas e respeitando né aquilo que aprendeu e mantendo a produção orgânica naqueles princípios ficou naquilo ali [...] eles tiveram dificuldades de transporte, transporte até que.... cada um tinha que ir por si só né. (ROSA, 2014).

¹² Nesse sentido, a associação da Arpa Sul, atualmente, conta com associados tanto da cooperativa Sul Ecológica quanto da cooperativa Arpa Sul.

Esta saída da Igreja Católica do movimento desmobiliza o grupo de agricultores por ela assistida. A partir daí muitas famílias desistem do trabalho¹³ por inviabilizar o transporte dos produtos até a feira. Nesse sentido, os grupos de trabalho reduzem, mas a capacidade de produção de cada família vai aumentando. No diálogo com o grupo de consumidores, os agricultores, estão, em certa medida, inovando o seus fazeres. Como relata Rosa, na época que tinha mais famílias no grupo sobrava alimento e havia pouca diversidade de produtos, hoje a demanda aumentou e o que é produzido tem a sua comercialização garantida.

Na saída da Pastoral, surge um protagonismo do CAPA nos espaços de ação do movimento ecológico. Ainda enraizado pelas divisões segundo a definição religiosa de cada grupo, a ONG fortalece os projetos de comercialização para rede institucional para a cooperativa Sul Ecológica. Como relata IVO, os principais mercados que a Sul Ecológica se insere é a alimentação escolar - num projeto do governo federal, o PNAE¹⁴ - e na fome zero – outro projeto do governo federal, o PAA¹⁵.

¹³ Ainda não consegui acessar as famílias que desistiram desta forma de produzir. Na sequência do trabalho de campo, ao longo do mestrado em antropologia, pretendo dialogar com alguns interlocutores nessa situação. Tenho certeza da importância deles para compreender melhor a dinâmica do movimento e como esta visão de mundo opera nas situações “mal sucedidas”.

¹⁴ “A Lei nº 11.947/2009 determina a utilização de, no mínimo, 30% dos recursos repassados pelo FNDE para alimentação escolar, na compra de produtos da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando os assentamentos de reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e comunidades quilombolas (de acordo com o Artigo 14). A aquisição de gêneros alimentícios será realizada, sempre que possível, no mesmo município das escolas. As escolas poderão complementar a demanda entre agricultores do território rural, estado e país, nesta ordem de prioridade. A Lei é regulamentada pela **Resolução nº 26**, do Conselho Deliberativo do FNDE, que descreve os procedimentos operacionais que devem ser observados para venda dos produtos oriundos da agricultura familiar às Entidades Executoras.” Disponível em: <<http://portal.mda.gov.br/portal/saf/programas/alimentacaoescolar>> Acessado em: 04 jun. 2014.

¹⁵ “O Programa de Aquisição de Alimentos - PAA - é um instrumento de estruturação do desenvolvimento da agricultura familiar, acionado após a etapa final do processo produtivo, no momento da comercialização, quando o esforço do pequeno produtor precisa ser recompensado com recursos que remunerem o investimento e a mão-de-obra e lhe permita reinvestir e custear as despesas de sobrevivência de sua família. Considerado como uma das principais ações estruturantes do Programa Fome Zero, o PAA constitui-se em mecanismo complementar ao Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf). Instituído pelo art. 19 da Lei nº10.696, de 02 de julho de 2003, e regulamentado pelo Decreto nº 7.775, de 04 de julho de 2012, o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA promove a aquisição de alimentos de agricultores familiares, diretamente, ou por meio de suas associações/cooperativas, com dispensa de licitação, destinando-os à formação de estoques governamentais ou à doação para pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricional, atendidas por programas sociais locais. Sua operacionalização é simples, pois a compra é feita diretamente pela Conab, sem intermediários ou licitações, e com preço recompensador. Em uma de suas modalidades, os alimentos adquiridos são destinados de imediato a programas sociais da região, com o que se movimenta a economia local a um custo menor, porque se evitam os “passeios” desnecessários.” Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1125>> Acessado em: 04 jun. 2014.

Em relação ao programa da alimentação escolar, Ivo conta que *se trabalhou bastante isso em 21 escolas municipais que recebiam ou que forneciam alimentação para os alunos duas vezes por semana com produtos ecológicos*. Na relação com a prefeitura da época, o trabalho foi uma parceria entre governo e a cooperativa (organizada pelo CAPA). Na sua avaliação foi uma boa experiência, além de ingressarem em novos mercados, houve uma troca entre o trabalho da escola e o trabalho dos agricultores.

Acho que foi bem legal assim, foi uma experiência boa, essas escolas visitaram os agricultores, para as merendeiras compreender o processo né [...] os agricultores também visitaram as escolas, deram palestras então foi assim um trabalho bem interessante né. (IVO, 2014)

Além disso, o interlocutor vincula algumas dificuldades a esse tipo de projeto. Apesar de o projeto priorizar o trabalho com a agricultura familiar de produção de base ecológica, não é levado em consideração que o ritmo de trabalho depende das safras de cada produto. Em certa medida, o agricultor aponta para um ritmo da natureza que não é, então, respeitado nesse tipo de prestação de serviço.

[...] claro a gente tinha dificuldades a questão das quantias dos produtos porque tu tem muito essa coisa da entressafra então tu te planeja, aí eu vou ter tantos kilos de cenoura, beterraba e aí não chove ou chove demais, que também ainda foi uma cruzada onde ainda os agricultores não tinham uma estrutura tão boa com água e plástico no inverno então isso dificultou um pouco o projeto. (IVO, 2014)

O PNAE foi um projeto de participação mais ampla de famílias de agricultores da região. No primeiro projeto a cooperativa consegue atingir cerca de 1500 famílias e nos projetos seguintes expande mais ainda o campo de ação chegando a 2500 famílias beneficiadas. Conversando com ele sobre a eficácia dos projetos dos mercados institucionais, Ivo aponta que a burocracia para se inserir nos editais e, depois, para receber o dinheiro por dentro do projeto, dificulta a permanência das famílias credenciadas.

Esse é um programa via CONAB¹⁶, a CONAB tem algum recurso do MDS que é o Ministério da Assistência Social e algum recurso do Ministério do Desenvolvimento Agrário também e esse dinheiro passa via CONAB eles fazem todo o processo legal de pagamento de conferir dados né, se [...] porque tem um, que nós costumávamos chamar de aceite, naquela época lá

¹⁶ Companhia Nacional de Abastecimento

na Comunidade Santo Antonio sei lá onde, se entregava 200 kilos de um produto cenoura, 400 kilos de beterraba batata e tal, aí cada vez que essa comunidade recebe alguém da comunidade tem um cadastro um nomezinho lá na CONAB já, e ela confere [...] bom realmente são 200 kilos então eu vou assinar aqui embaixo que eu recebi 200 e depois tem que fazer essa prestação de contas para a CONAB em nome dos agricultores. (IVO, 2014).

No diálogo com a rede mais ampla, entra outro ator nesse movimento, o Estado. Assim, com a entrada do governo do partido dos trabalhadores (PT) há um incentivo para a comercialização de produtos ecológicos nas licitações públicas de aquisição de alimentos. Nesta inserção do poder estatal na comercialização dos alimentos ecológicos na região, podemos inferir que há uma segunda ruptura no movimento ecológico.

Até o momento, o que se observa é uma cisão das duas cooperativas de agricultores, culminando no quadro de que uma das cooperativas é assistida por instituições de apoio e, ao mesmo tempo, a maioria dos agricultores ainda estão ligados com a associação. Por outro lado, a cooperativa assistida pela igreja católica se torna incipiente no quadro organizativo dos agricultores e este grupo de agricultores fica, então, ligado aos espaços da associação.

Além disso, há uma modificação de como esses agricultores passam a se relacionar com outros universos de ação além do produtivo. Com a inserção do Estado neste movimento, o universo de ação se expande e os grupos de agricultores passam a se inserir em espaços mais amplos que a comercialização direta, como era até então realizada nas feiras ecológicas.

3.2 Mas afinal, do que se trata o ecológico?

Podemos observar, através das vozes, uma complexidade de atores que se inserem no movimento ecológico. Diferentemente de outras manifestações no âmbito ambiental (cf. CARVALHO, 2012), o movimento ecológico parece articular uma crítica ao modelo de industrialização da sociedade ocidental através da construção de uma categoria positiva, o ecológico.

Para além de um radicalismo com as questões ambientais, o ecológico parece forjar nas práticas cotidianas a 'conscientização' e a mudança pretendida. Elementos como ritmo da natureza, coletivo, totalidade e natural parecem guiar a

forma que o movimento ecológico utiliza para *habitar o mundo* de maneira diferente daquela orquestrada pelo fenômeno da industrialização. Alguns elementos aqui se tornam fundamentais para compreender do que se trata esse fenômeno social. Importante frisar que, em se tratado de um esboço do capítulo etnográfico, proponho algumas possibilidades de análise para pensar a configuração do campo e seus universos de sentido.

Em certa medida, o trabalho no movimento ecológico parece trazer elementos destoantes dos propostos pelo modelo econômico e simbólico da industrialização. Pautada em uma lógica de coletivo e totalidade, o movimento ecológico parece subverter, na ordem do cotidiano, a dinâmica complexa de organização do mundo industrial. Nos dados coletados até aqui, uma das premissas ideológicas que parece fundamentar esse campo está colocado na lógica do trabalho em grupo.

Para Ivo e Rosa, quando apontam a lógica de organização, colocam o trabalho em grupo de famílias como sendo fundamental para a agricultura familiar. Aqui, o trabalho se forja através dos preceitos da cooperação. Importante salientar que tanto a cooperativa quanto a associação organiza o trabalho em função do que cada um pode ou consegue produzir.

[...] o porquê né de nós apostarmos ou acreditar na forma de cooperação, associação ou cooperativa, eu pra mim eu tenho assim muito claro que a agricultura familiar individual é muito difícil, mesmo assim organizado tu tens dificuldades, mas entendo que é a única forma ainda de agricultura familiar com essa diversidade né, tu conseguir sobreviver né... (IVO, 2014).

Nesse sentido, a produção não se configura por decisões individuais, mas um diálogo entre os construtores da rede: operadores do comércio, associados, consumidores/militantes e o *ritmo da natureza*. O caminho vai de uma relação direta de uma produção *natural*¹⁷ a partir das possibilidades do ambiente e das decisões formuladas em grupo.

Leomar, ao relatar o funcionamento do restaurante e o consumir ecológico, aponta que a lógica do trabalho sempre foi pautada pela cooperação. Como ressalta

¹⁷ Importante salientar que a categoria *natural* surge nas falas dos atores da rede como sendo o oposto da produção proposta pela indústria e de sua conseqüente relação com a natureza. Traz aqui uma noção originária da relação do homem com o mundo, distanciando da ideia de uma dominação do ambiente pelo homem, mas sim uma relação dialógica. Neste mesmo sentido, Latour (2004), ao definir este conceito, utiliza-o “como o que vai de si ou que é sócio pleno do coletivo”.

Helga e Leomar, o intuito da cooperativa do restaurante era proporcionar um local de trabalho diferenciado da premissa individualista. Para isso, a saída foi configurar reuniões entre operadores, agricultores e consumidores a fim de direcionar coletivamente o caminho da cooperativa.

[...] bom, então isso foi vinculando cada vez mais pessoas a esse trabalho e isso foi se tornando um trabalho mais público acho assim né... nunca foi assim com aquela visão de nicho né, sempre foi uma coisa bem aberta, porque esse movimento ecológico, ele é bem aberto e o consumo mais ainda [...] aí a gente começou a perceber que o alimento, esse alimento é para todos não é para uma categoria específica, digamos assim, a gente sempre observa pessoas de todo o tipo nesses espaços. Então eu acho que é um trabalho que vem crescendo né [...] hoje já tem bastante muito mais coisa envolvida. (LEOMAR, 2014).

Atrelado a esta lógica do coletivo estaria relacionado outro elemento fundamental na visão de mundo ecológico, a relação de humanos com elementos não-humanos. Diferente de uma dominação dos espaços naturais, conforme proposto pelos ideários da modernização da agricultura¹⁸, o produzir *natural* necessita de um olhar criativo às formas de diálogo possível com o ambiente local.

Nesse sentido, os *ritmos da natureza*, como aponta Leomar, são importantes para configurar as escolhas destes atores. Longe de um cardápio formulado a partir de definições estritas à gastronomia, o cotidiano do restaurante caminha de acordo com o que tem. Em certa medida, isso não acarretaria um estado de privação, mas uma visão formulada a partir do respeito e o comprometimento com o trabalho da terra. Além disso, essa escolha se coloca como um *envolvimento* ligado à esfera da experiência, o qual se objetiva no ato do cotidiano de se alimentar.

[...] eu acho que isso é uma coisa interessante desse tipo de alimentação de, da pessoa, essa coisa do alimento da época né eu acho que isso aí é muito legal, das pessoas começaram a perceber que existe as épocas para cada coisa cada estação do ano tem determinado alimento, cada muitas pessoas isso aí nem percebe pq vive no sufoco do dia a dia né, mas isso é bem legal tem aquilo e daqui a pouco some aquilo e daí só em dezembro tu começa a pegar um ritmo da natureza, o ritmo da natureza, comer o que tem [...] (LEOMAR, 2014)

¹⁸ Conforme Marques (2010, p.22) “a modernização da agricultura, de modo abrangente, está relacionada ao processo de “externalização” e de “cientificação” da agricultura, e está associada a um modelo de desenvolvimento agrícola, cujas diretrizes fundamentais são a intensificação, uniformização e a especialização no processo produtivo, bem como o aumento da mercantilização, da escala de produção e da integração setorial com a indústria.”

No mesmo caminho, Ivo coloca a relação com o ambiente como uma espécie de comunicação. Para além das imposições do tempo humano, se entender com o *ritmo da natureza exige paciência e vontade*. São pequenas ações cotidianas que vão definindo o fazer ecológico, onde categorias como tempo e espaço são permanentemente reconfiguradas a partir da comunicação estabelecida com a natureza. Essas modificações se objetivam na paisagem¹⁹, de um espaço homogêneo, a área cultivada passa a abarcar uma diversidade de espécies de flora e fauna, se aproximando de um ambiente mais *natural*.

[...] é assim né, tu tem que ter a transição né, não adianta tu hoje ter uma lavoura convencional com química com adubo e dizer: vou parar com esse negócio hoje e vou, vou, minha lavoura hoje é orgânica [...] claro, tu tem que começar, mas ela vai levar 3 anos mais ou menos para o solo se adequar no terceiro ano mais ou menos, aí no terceiro ano tu já vai ter uma produção razoável né porque o solo tá acostumado com aquela camada de adubo, largado, jogado ali, o ambiente ali tá desequilibrado também né, aos poucos os inimigos naturais vão voltando e então é um processo assim que tu tem que ter um pouco de paciência e vontade não pode desistir no primeiro ano, mas que dá certo dá né. (IVO, 2014)

Nessa lógica de buscar premissas de como realizar o trabalho com e na natureza, os interlocutores se voltam a bases tradicionais, aos modos de fazer antes da industrialização e exteriorização dos ambientes. Assim, é importante ressaltar, que os elementos em torno dos saberes e das práticas estão intimamente ligadas com seus antepassados e as bases geracionais da família. Além disso, os diálogos e as conexões do grupo estão sendo sempre atualizadas a partir da heterogeneidade de elementos e atores que vão compondo a rede ecológica local e a rede mais ampla.

Os agricultores, ao relatarem a sua inserção nesse modo de vida, ressaltam sempre a necessidade de *voltar lá pra trás*. Em certa medida, estão acionando um modo de fazer relacionado a outras gerações da família, uma época em que o fazer *era coisa de fundo de quintal, então aquilo era uma coisa bem natural, bem crioula e bem orgânica* (ROSA, 2014).

¹⁹ “O conceito de paisagem é de muita utilidade, já que tem dimensões humanas e biofísicas e registra mudanças climáticas, vegetacionais, faunísticas ou oceânicas, mas que somente se tornam visíveis depois de um longo período de tempo. A combinação dialética dos processos sociais e naturais produz uma dinâmica histórica única que está sendo estudada sistematicamente pelo campo de pesquisa da ecologia histórica” (Balée, 1998; Crumley, 1994 *apud* Little, 2006, p. 96)

Nesse sentido, a *invenção do ecológico* não se dá somente pela via da nostalgia do passado, ela vincula dimensões temporais distintas em torno da criação e reinvenção da forma de se relacionar com o ambiente. Essa invenção²⁰ criativa, motivada pelo choque com a industrialização, se relaciona não somente com as bases tradicionais apreendidas com os antepassados, mas com todas as associações e contextos atuais que vão construindo o significado do ecológico. Aqui, a criatividade estaria intimamente ligada com a busca pela autonomia e liberdade de organização dos coletivos e das famílias.

[...] então é uma coisa que já faziam assim né, se a indústria não tivesse passado por cima dessa cultura só que agora é uma outra leitura né, não é voltar à uma antiguidade é pegar o que tinha de bom e fazer uma leitura contemporânea e adaptada. (LEOMAR, 2014)

Podemos inferir, a partir das vozes dos atores, que produzir e consumir constrói visões de mundo. Distanciando de uma relação estritamente mercadológica, as decisões levantadas pelos atores do movimento preconizam ideologias e ações que, de uma forma ou outra, modifica as formas de organização do trabalho e a relação com os espaços *naturais*. Apesar de ser formulado em torno de uma crítica a um modelo econômico, o ecológico se constrói a partir de uma categoria positiva. No sentido de que passa a ter uma valorização outras formas de *habitar o mundo* e, conseqüentemente, de produzir e consumir.

²⁰ Invenção, portanto, é cultura, e pode ser útil conceber todos os seres humanos, onde quer que estejam como “pesquisadores de campo” que controlam o choque cultural da experiência cotidiana mediante todo tipo de “regras”, tradições e fatos imaginados e construídos. (WAGNER, 2012, p. 108)

4 Risco e agência: para pensar a questão ecológica

A crise ecológica emerge no cenário atual, como um fato aonde a imanência do *risco* vem à tona para *todos* os seres vivos na Terra. Não aparece mais como um “problema ambiental”, mas, como aponta Beck (1997), ela denota uma crise institucional profunda da própria sociedade industrial.

Sendo assim, essa nova percepção de mundo, que vai sendo criado em torno do ecológico faz emergir, ou reapropriar, uma moralidade, pautado nas premissas de ajuda e compaixão ao próximo, e numa perspectiva totalizante, ao *cosmos*. Como aponta Luís Eduardo Soares (1989) ao estudar a “cultura alternativa” em grupos brasileiros, afirma que raramente a sociedade brasileira tem sido tão ética. O alternativo facilmente aparece colado ao cidadão convencional, preocupado com uma moralidade civil crítica; facilmente aparece, portanto, como o oposto da transgressão (SOARES, 1989).

A crise ecológica produz e cultiva uma consciência de Cruz Vermelha cultural. Ela transforma as coisas cotidianas, triviais e sem importância em testes de coragem em que o heroísmo pode ser exibido. Longe de intensificar e confirmar a insipidez da modernidade, as ameaças ecológicas criam um importante horizonte semântico de impedimento, prevenção e ajuda. Este é um clima e um ambiente moral que se intensifica com o tamanho da ameaça, em que os papéis dramáticos dos heróis e dos vilões adquirem um novo significado cotidiano. (BECK, 1997, p. 66)

O conceito de risco, conforme será utilizado neste trabalho, será organizado a partir das ideias propostas por Beck (2010). Entretanto, antes de iniciar as proposições deste autor, se faz necessário relatar o percurso que a teoria sociológica faz em torno do conceito de risco, teoria essa que é anterior ao proposto pela linha desenvolvida por Beck e Giddens.

4.1 Entre pureza e perigo e as consequências do risco.

Guivant (1998), ao tratar da trajetória da teoria do risco, traz as ideias da teoria cultural, formulada na década de 60 por Douglas, como sendo uma das primeiras críticas às abordagens quantitativas em torno da imanência do risco. O

que era proposto até então pelos estudos técnicos-quantitativos era um tratamento pragmático em torno dos 'efeitos colaterais' associados a um determinado risco.

A partir desta abordagem técnico-quantitativa, o risco é considerado como um evento adverso, uma atividade, um atributo físico, com determinadas probabilidades objetivas de provocar danos, e pode ser estimado através de cálculos quantitativos de níveis de aceitabilidade que permitem estabelecer standards, através de diversos métodos (predições estatísticas, estimação probabilística do risco, comparações de risco/benefício, análises psicométricas). (GUIVANT, 1998, p. 2)

O que Douglas irá propor é uma aproximação do conceito de risco com a relação do puro/impuro. Neste deslocamento, o risco estaria muito mais vinculado a uma construção social do que é perigoso e o que não é perigoso do que as consequências quantitativas do risco.

Para compreender melhor a abordagem proposta pela autora para o conceito de risco, se faz necessário trazer sua contribuição para a discussão em torno das categorias de pureza e perigo. Douglas (1976), ao propor um diálogo entre religiões primitivas e as religiões institucionalizadas, irá aproximar dois conceitos importantes na construção de uma ordem do mundo para as sociedades humanas: o puro e o impuro. O que é puro e o que é impuro para uma dada cultura vão sendo construídos coletivamente e está ligada uma lógica de mundo, onde alguns elementos são incorporados e outros vão sendo excluídos de um determinado sistema de valores.

Não é difícil perceber a utilidade das crenças relativas à poluição num diálogo em que cada um reivindica ou contesta um dado estatuto na sociedade: mas estudando de perto estas crenças, descobrimos que os contactos que se julgam perigosos também transportam uma carga simbólica. É neste nível, mais interessante, que as noções de poluição se relacionam com a vida social. Creio que algumas poluições servem de analogias para exprimir uma idéia genérica da ordem social. (DOUGLAS, 1976, p.7)

Nesse sentido, as definições de poluição e risco só podem ser compreendidas contextualizadas no seu sistema de ideias, pois, como aponta a autora 'o único modo no qual as ideias de poluição fazem sentido é em referencia a uma estrutura total de pensamento' (ib., 1976, p.57). A fim de demonstrar que essa lógica perpassa o sistema de pensamento de outras sociedades, que não somente as 'primitivas',

como até então era cunhado pelos antropólogos, Douglas irá analisar os escritos bíblicos.

Ao longo do texto a autora vai demonstrando como há uma série de preceitos expressos nos textos bíblicos que vinculam as fronteiras entre o puro e o impuro e, conseqüentemente, a ordem do mundo social. Um dos elementos que ela aponta, importante para os objetivos deste trabalho, é como essa visão de mundo vai sendo formulada em torno de uma figura de Santidade. Essa categoria, muito mais do que a imagem que ela representa, vincularia então uma ideia de ordem, aquilo que o homem deve procurar *vir a ser*.

A santidade significa manter distintas as categorias de criação. Ela, portanto, envolve definição correta, discriminação e ordem (DOUGLAS, 1976, p.70). O homem deve, então, procurar ser santo, e ser santo é ser total e perfeito. Nessa Terra habitada por santos é operada pela santidade, recebendo as bênçãos de Deus. Tudo o que pode ser abençoada é da ordem do humano e do domesticado por este. Não-humano, então, pertence a outra ponta dessa lógica de mundo, é a desordem, o perigo. Aqui, perigo está ligado com a natureza das coisas e não com a probabilidade real das conseqüências deste perigo.

Assim, os híbridos são totalmente negados, pois eles próprios são a essência da confusão e da desordem. As diferentes classes de coisas não podem ser confundidas neste *mundo*. Não misturemos o céu e a terra, o global e o local, o humano e o inumano (LATOUR, 1994, p. 8). Misturar as coisas, é o princípio da poluição, deve-se aqui manter distância.

Beck (2010) ao tratar das conseqüências da sociedade industrial, aponta que os 'efeitos colaterais' desencadeados por este modelo produtivo mexeu nessa lógica de mundo. O que antes era inofensivo acaba se tornando perigoso. As coisas se misturam. A natureza, até então exteriorizada, acaba agenciando processos antes não evidenciados. São iminentes as catástrofes ambientais, aquecimento global, fome em larga escala.

O recalcado retorna e retorna em dobro: as multidões que deveriam ser salvas da morte caem aos milhões na miséria; as naturezas que deveriam ser dominadas de forma absoluta nos dominam de forma igualmente global, ameaçando a todos. Estranha dialética esta que faz do escravo dominado o mestre e o dono do homem, e que subitamente nos informa que inventamos os ecocídios e ao mesmo tempo as fomes em larga escala. (LATOUR, 1994, p. 14)

Em torno das consequências da sociedade industrial, Ulrich Beck traz à sua teoria o conceito de sociedade de risco. O risco se torna na sociedade industrial um assunto imanente devido às incertezas da vida moderna²¹. Para Giddens, a tradição não teria sido substituída pelas certezas da ciência, mas pela dúvida radical perante a ordenação do mundo.

No sentido de uma teoria social e de um diagnóstico de cultura, o conceito de sociedade de risco designa um estágio da modernidade em que começam a tomar corpo as ameaças produzidas até então no caminho da sociedade industrial. (BECK, 1997, p.17)

Assim, o que representa perigo para um dado grupo são construídos coletivamente. Como aponta Douglas e Wildavsky (apud GUIVANT, 1998, p.5) para entender as escolhas dos riscos, é preciso vincular com as escolhas de nossas instituições e de como queremos viver: valores comuns levam a medos comuns, assim como a um acordo implícito sobre o que não temer. O risco, assim como as categorias de puro e impuro, tem a ver com a lógica de como o mundo opera em uma dada sociedade.

Na construção contemporânea do risco há uma intensa negociação entre a percepção do leigo e do especialista. Para Guivant (1998), o que traz à tona a discussão do risco é a relação entre esses níveis de conhecimento. Havendo mais acesso às informações do perito, os leigos passam a ter a possibilidade de agenciar escolhas perante um universo de informações.

Esta possibilidade e necessidade de escolha sobre nosso projeto de self (nos planos físicos e psíquicos) estaria acompanhada por um descrédito sobre o conhecimento dos peritos, sempre sob revisões e debates. O consumidor deve navegar num mar de informações que surgem dos meios de comunicação, da ciência, do conhecimento local, para assim poder tomar suas decisões. (GUIVANT, 1998, p.24)

Passa a ficar evidente, então, que a estimação do risco apenas por abordagens técnico-quantitativo não conseguem dar conta da complexidade de negociação em torno da construção do risco. Assim, escolher certos riscos em

²¹ “O dinamismo da modernidade deriva da *separação do tempo e do espaço* e de sua recombinação em formas que permitem o “zoneamento” tempo-espacial preciso da vida social; do *desencaixe* dos sistemas sociais (um fenômeno intimamente vinculado aos fatores envolvidos na separação tempo-espacial); e da *ordenação e reordenação reflexiva* das relações sociais à luz das contínuas entradas (inputs) de conhecimento afetando as ações de indivíduos e grupos” (GIDDENS, 1991, p.21)

detrimento de outros dificilmente tem a ver, numa relação direta e restrita, ao caráter objetivo do risco. Para Douglas e Wildavsky (1982), duas questões guiam as configurações do que é e o que não é risco na sociedade moderna: individualismo e o caráter hierárquico das estruturas das instituições.

O tipo burocrático, que caracteriza as grandes organizações (igrejas, corporações industriais e associações políticas), é identificado por Douglas e Wildavsky como sendo de caráter fundamentalmente hierárquico, com uma orientação de todas as partes para o todo. Em contraste com este tipo, os autores utilizam a categoria 'individualismo' para descrever o comportamento que inclui o mercado e orienta a procura privada de lucro de todas as formas. Apesar de serem opostos em diversos aspectos, ambos tipos de organização dão prioridade aos riscos que ameaçam a todo o sistema, gostam de proteger regras universais e não se envolvem com questões que dizem respeito a um futuro distante. Para o hierárquico é difícil ver ameaçada a continuidade entre o presente e o futuro, imaginando que o sistema estável que protegeu as pessoas no passado, o continuará fazendo no futuro. O individualista tem confiança na capacidade do mercado para escolher o melhor e rejeitar o pior, o que assegurará menos riscos futuros. (GUIVANT, 1998, p. 5)

4.2 A visibilidade cotidiana do risco, corpo e alimento ecológico.

A questão do risco toma proporções centrais na construção da sociedade contemporânea ou alta modernidade (cf. Giddens, 1991). Os percalços da vida cotidiana pautados nas ameaças contínuas e nas incessantes inovações tecnológicas trazem à tona diversas incertezas e inseguranças quanto ao modelo de desenvolvimento moderno.

Para Beck (2010) há diferenças sistemáticas com outros momentos de revelação dos perigos na história da humanidade. Hoje, o que até então era inofensivo acaba se revelando como perigoso. O chá, o macarrão, o tomate, o vinho, o pimentão e o morango, passam de simples alimentos para um símbolo dos perigos industriais. Fertilizantes passam a ser encarados como venenos, altamente nocivos à saúde humana e a saúde da Terra.

Na abordagem proposta pelo autor os riscos são cotidianos. É na esfera da vida privada, e não somente nos grandes eventos catastróficos, que os riscos entram na vida das pessoas. Nesta perspectiva, o risco deixa de ser abordado a partir da questão de classe, ele é uma questão que toma proporções universais. É toda a vida na terra que está sendo atingida. As consequências dos agrotóxicos atingem aqueles que sabem e os que não sabem do risco que estaria envolvido no

seu consumo, enfim, as consequências do risco não estariam preocupadas com a classe²².

Relacionando esta abordagem com o foco de pesquisa deste trabalho, podemos inferir que em certa medida a eclosão da questão ecológica se constrói a partir da oposição as certas consequências do modelo industrial como, por exemplo, consumismo, competição nos meios de trabalho, reformulação nas formas de relações sociais, poluição, entre outros. Ao tratar da noção de *sociedade de risco*, a partir da perspectiva política, Ulrich Beck (1997; 2010) coloca a questão ambiental no centro da discussão. Como afirma o autor:

Ela transforma as coisas cotidianas, triviais e sem importância em testes de coragem em que o heroísmo pode ser exibido. Longe de intensificar e confirmar a insipidez da modernidade, as ameaças ecológicas criam um horizonte semântico de impedimento, prevenção e ajuda. Este é um clima e um ambiente moral que se intensifica com o tamanho da ameaça, em que os papéis dramáticos dos heróis e dos vilões adquirem um significado cotidiano. (ib., 1997, p.66)

Assim, a cultura ecológica, a qual trabalha em toda extensão da realidade social, supõe uma 'ordem' do mundo, composto não só pelo mundo terreno, mas pela totalidade gerenciada pela natureza (ou cosmos). Elementos como energia, equilíbrio, saúde, espírito são essenciais na qualificação das experiências dos indivíduos. Para Soares (1989), a cultura 'alternativa', como convencionou definir, está pautada na tríade que incorpora corpo, espírito (indivíduo) e natureza (totalidade).

A síntese que incorpora corpo e espírito sob o signo da energia confere à natureza qualidades que a humanizam, espiritualizando-a. A extensão da espiritualidade à natureza libera para a transcendência o que fora apenas vida inteligente, no homem [...] A ordem se revela à intuição humana e, por vezes, à razão, inscrevendo-se na raiz comum (universal) de seu espírito. (SOARES, 1989, p. 125).

²² Importante situar o leitor do local de fala no qual está situado o autor Ulrich Beck. O contexto no qual o autor formula essa sua abordagem teórica é a sociedade alemã. A sociedade de risco seria aquela em que as diferenças sociais não são mais tão gritantes quanto eram na sociedade industrial. Concordo com Guivant (1998) quando a autora relativiza a generalização do contexto europeu e sua consequente linearidade de fases para as sociedades contemporâneas. o Brasil, por exemplo, ainda está pautado em grandes diferenças na distribuição das riquezas. Apesar disso, compreendo que a ideia do risco, para além do risco 'real' e suas consequências nos grupos, apontam para um caminho teórico interessante para tratar da visibilidade dos híbridos e suscitar, assim, discussões que possam avançar na compreensão de questões contemporâneas.

Nesse sentido, a rede ecológica transfere para o âmbito cotidiano práticas que reclamam mudanças, a iniciar nos modos de produção *limpos* passando pela comercialização *solidária* culminando no consumo *consciente* ou, para utilizar a expressão proposta por Portilho (2010), a *politização do consumo*. A cultura alimentar ecológica pode ser compreendida aqui, segundo Certeau (1994, p.41), como *maneira de fazer*:

[...] porque se trata de distinguir operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o funcionamento por uma multiplicidade de “táticas” articuladas sobre os “detalhes” do cotidiano.

Entretanto, em meio à evocação de mudanças no plano das práticas cotidianas, a questão ecológica toma força no mundo moderno a partir da atribuição de significados em diferentes níveis da vida. Como afirma Beck (1997), a questão ecológica penetra em todos os campos ocupacionais. Nesse sentido, o alimento, o ecológico materializado, representa outras maneiras de lidar com a economia e a saúde de indivíduos, família e até do planeta. Assim, a compra/venda se objetiva numa relação dialógica entre coisas, pessoas, produtores, consumidores, cosmos.

O ato de se alimentar passa a ser compreendido, neste trabalho, enquanto um ato político. Segundo Korsmeyer (2002) a alimentação se trata de uma relação extremamente íntima, é um ato cotidiano que implica em risco e confiança. A mensuração do risco e a dimensão da mudança estão relacionadas, na alimentação ecológica, com a experiência vivida. Podemos inferir que motivar-se a uma cultura alimentar ecológica seria como passar a ter conhecimento, por parte dos leigos, dos riscos por trás das proposições dos especialistas em relação às modificações da natureza dos alimentos.

Filha de agricultores, Rosa diz que nunca precisou se utilizar as ‘inas’ da indústria para conservar os alimentos. Para ela, o que num discurso da indústria é a solução para manter o alimento bom durante mais tempo, acaba se torna um elemento que causa desconfiança.

[...] porque essa história de tu ter que colocar conservante para que o produto dure, isso é história, isso é porque o mercado tem todas as ina, as licetina, as pictina, isso tudo que eles dizem que mantém o produto, história [...] isso todo a vida eu criei meus filhos fazendo doce que eu colocava em lata, as lata de 20 litros, fazia uma lata de chimia de pêssego, uma lata de chimia de uva, aquilo nada se perdia, ficava tudo perfeito. (ROSA, 2014)

Na rede do ecológico, o produzir e o consumir se articulam numa relação de denúncia das estruturas de produção da sociedade industrial. Helga, em sua trajetória como militante e técnica do movimento, aponta que uma alimentação ecológica seria proposta em função de consequências e riscos à saúde, os quais começaram a aparecer em função do processo de industrialização da agricultura, associando desconfiâncias a seu modo de vida.

[...] um compromisso social com os próprios trabalhadores, com essa parte da produção, criticando essa parte convencional, essa estrutura da produção e propondo outra forma de produzir ali que eu acho que surgiu mais esse movimento ecológico, e que o que tava em questão: a crítica ao modelo industrial da agricultura e do outro lado a crítica à própria consequência disso [...] que são as doenças que estavam aparecendo em tudo [...] aparecendo né, as próprias pessoas já estavam sendo atingidas por essa forma de produção né...e isso começou a ser aberto e discutido com liberdade e com abertura, eu acho que foi ali que desencadeou muito desse movimento né [...] (HELGA, 2014)

Nesse sentido, ao construir uma categoria positiva em torno do alimento ecológico, os atores parecem vincular diferentes elementos que possibilitam uma relação de confiança com este produto. Vale ressaltar aqui que os agricultores ligados à associação responsável pela organização das feiras livres não possuem nenhum tipo de certificação em relação ao processo de produção ecológica. Entretanto, os consumidores com que conversei durante as feiras relatam construir a confiança nos alimentos ecológicos porque *conhecem o agricultor*. Nesse sentido, a experiência na feira e sua consequente relação semanal com aquele que produz o alimento, seriam as questões propositivas de que *aqui eles vendem um bom produto, é um alimento saudável*.

Assim, como aponta Giddens (2002) o ato da alimentação tem a ver com risco e confiança. As maneiras que se constroem essa confiança, na alimentação ecológica, parecem subverter a lógica empregada pelas regulamentações burocráticas e se organizam em torno da dimensão do envolvimento através da experiência vivida. Como aponta Leomar *a gente vai se sensibilizando assim com esse trabalho, porque ele é um trabalho muito de **comprometimento** (grifo meu) né depois que tu entra assim é difícil de tu dar pra trás né*.

4.3 Experiências: trajetórias e motivações aos alimentos *naturais*

No caminho percorrido neste trabalho observamos que vários são os elementos que estruturam a formação do campo de ação em torno da questão ecológica. Entretanto, no último tópico desta monografia, quero ressaltar a agência que o alimento ecológico parece realizar no corpo de atores da rede ecológica. Esse elemento me saltou aos olhos em função de que muitas pessoas da rede acabam de alguma forma vinculando a sua mudança para a prática ecológica a partir de algum evento relacionado às doenças ‘causadas por agrotóxicos’.

Para Giddens (2002) o corpo é pensado enquanto objeto privilegiado da reflexão sobre a vida social e a condição humana no mundo contemporâneo. Nesse sentido, ao tomar como objeto de reflexão o corpo que *sente e experiência* o ecológico, pretende-se suscitar possibilidades de análise que transforme o corpo de uma ‘coisa dada’ para um agente em meio às construções do ecológico. Para isso, dois caminhos serão brevemente percorridos aqui a partir da minha inserção em campo: a) relação do corpo com os riscos da alimentação envenenada, num diálogo entre saúde e doença e b) a percepção construída através do gosto.

Nos diálogos em campo, seja na feira, seja no restaurante, as pessoas que com quem pude conversar me relataram diversos motivos para a mudança para uma prática ecológica. Leomar (2014), ao se referir sobre o público que frequenta o seu restaurante, aponta que vários são os motivos que levam as pessoas a consumir esse tipo de alimento: ‘tem pessoas que vem porque já tiveram câncer, outras vêm porque se preocupam com a saúde’.

A agricultora Rosa, apesar de não ter me relatado, até então, algum evento de doença na família em função do agrotóxico, aponta a alimentação ecológica como uma ‘saúde preventiva’. Sendo o *fundo do quintal um assunto de mulher*, ela traz para dentro do movimento de mulheres a possibilidade de tratar da saúde da família de dentro de casa, a partir da alimentação ‘*natural*’.

A questão da prática ecológica com a experiência com doença/saúde também é relatada por outros agricultores os quais tive a oportunidade de entrar em contato a partir de inserções de pesquisas anteriores²³. Nilo, por exemplo, é um agricultor

²³ A referência é à agenda de pesquisa “Saberes e Sabores da Colônia”, desenvolvida sob a coordenação da professora Renata Menasche, no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em

que participa ativamente da rede ecológica na região, ao me contar a sua trajetória de vida traz o evento da experiência com a doença como o ponto essencial para deixar o trabalho na lavoura com venenos.

[...] daí foi em 94 e 95 que eu fiquei sabendo desse projeto de agroecologia aqui na região, era quando tava iniciando né..daí eu fui um dos primeiros a encampar isso ai né, porque eu havia tido problema com os defensivos do pêssego em 88 foi o ano que nasceu os meu filhos - o Robson e Luana- e quando eles nasceram eu tava no hospital, então aí bateu aquela coisa né: bah mas eu aqui no hospital amanhã ou depois essa crianças vão pedir um pêssego para comer e eu vou ter que dizer que não pode comer porque eu coloquei veneno? Daí a partir dali eu já comecei a diminuir a quantidade de insumo químico que naquela época eu ainda usava e depois quando entrou esse projeto da agroecologia eu entrei de cabeça assim. (Nilo)

O alimento aqui ultrapassa a dimensão de mero intermediário da sobrevivência do corpo humano e aciona dimensões importantes na construção de visões de mundo. Esse corpo social, mas que é também biológico se vincula a uma esfera de *ritmo da natureza*, numa elaboração dialógica com o tempo da natureza. Consumir alimentos da época é como cuidar da saúde do corpo.

[...] eu acho que isso é uma coisa interessante desse tipo de alimentação de... da pessoa, essa coisa do alimento da época né eu acho que isso aí é muito legal, das pessoas começaram a perceber que existe as épocas para cada coisa cada estação do ano tem determinado alimento, cada muitas pessoas isso ai nem percebe pq vive no sufoco do dia a dia né, mas isso é bem legal tem aquilo e daqui a pouco some aquilo e dai só em dezembro tu começa a pegar um Ritmo de Natureza, O ritmo da natureza, comer o que tem, eu acho que pra saúde é bom também né Patrícia. (LEOMAR, 2014)

Certa vez fui questionada por uma consumidora da feira sobre o que eu achava da razão de termos bergamota no inverno e melancias no verão. Fui para casa sem ter muitas respostas à pergunta da senhora. Noutro dia conversando com um agricultor da feira, lembrei-me do assunto e lhe perguntei. Foi interessante o espanto perante a minha pergunta, a resposta veio em seguida. No inverno precisamos da vitamina C da bergamota e no verão da água da melancia. Nesse sentido, o alimento ecológico parece acionar uma lógica preventiva às possibilidades de doenças de cada estação.

Alimentação e Cultura (GEPAC), entre 2010 e 2013, através de dois projetos de pesquisa então vigentes: “Cultura, patrimônio e segurança alimentar entre famílias rurais: etnografias de casos significativos” (CNPq 559565/2010-0) e “Saberes e Sabores da Colônia: modos de vida e patrimônio alimentar entre pomeranos no Brasil meridional” (FAPERGS 1018354).

Compreendendo que o processo de construção dos significados de doença e saúde são construídos socialmente e, mais do que isso, 'constitui uma realização sempre renovada dos indivíduos em contextos interativos específicos' (RABELO, 1999, p.85). Podemos inferir, então, que o alimento ecológico mais do que um ato político é um signo, o qual relaciona à ação cotidiana de se alimentar significados em torno de um corpo doente e saudável.

Doença, neste caso, abrange uma esfera maior do que *ter os sintomas*, ela está relacionada com a possibilidade de contato aos riscos consequentes do modo de vida contemporâneo. Pela via do alimento envenenado, o contato com a doença se torna cotidiano, é a possibilidade do *corpo adoentar*. Neste caso, os alimentos se tornam fontes potenciais de perigo ou de cura.

As experiências individuais com eventos de doença *em função dos agrotóxicos* vão tomando uma proporção coletiva. Como relatei anteriormente, alguns agricultores migraram para esta forma de produzir em função de algum evento relacionado ao estar doente. Para aqueles que não experienciaram, há sempre algum relato de *envenenamento*²⁴ de pessoas mais próximas. Nesse sentido, estar doente ou saudável, ultrapassa uma definição diagnosticada dos motivos da doença, o que está se construindo aqui são significados em torno do alimento ecológico. Como aponta Langdon e Wiik (2010, p.178):

[...] a maneira através da qual um determinado grupo social pensa e se organiza, para manter a saúde e enfrentar episódios de doença, não está dissociado da visão de mundo e da experiência geral que esse tem a respeito dos demais aspectos e dimensões socioculturalmente informados.

Nesse sentido, há nesta 'cultura alimentar ecológica' uma esfera de agência do corpo na construção das relações entre um estado doente e saudável e, ao mesmo, dos sentidos do ecológico. Além disso, outro elemento que parece ser interessante para refletir sobre a relação de agência do corpo é a questão dos sentidos.

Os sentidos, mais especificamente, o gosto seria o elemento que dá uma objetividade as características 'naturais' que diferencia os alimentos ecológicos dos alimentos convencionais. Leomar, em certo momento de nossas conversas me

²⁴ Esta é uma afirmativa empírica que partiu dos critérios do senso comum, não havendo uma preocupação científica com a complexa relação dos efeitos dos alimentos com agrotóxico no organismo. Para este trabalho, o que se torna importante refletir é sobre os diversos caminhos levantados pelos atores da pesquisa referente ao processo de construção de uma visão de mundo em torno da alimentação ecológica.

perguntou em relação ao que eu achava dos alimentos ecológicos, ao propor brevemente um posicionamento a respeito, o interlocutor em seguida me responde que a diferença mesmo era de gosto: *o tomate tem gosto de tomate, não é aquela coisa sem gosto sabe.*

Há aqui, em certa medida, uma reelaboração do gosto alimentar. De um gosto estético, o qual está pautado na estética do alimento, os adeptos desta cultura alimentar vão em busca ao que Krosmeyer (2002) definiu enquanto um gosto literal, que estaria ligado a uma natureza dos alimentos, algo que se aproximaria ao *bem crioulo* como exposto por Rosa anteriormente.

[...] o que adianta comer um tomate feito quase que artificial né... só porque tem a... isso as vezes divulga na TV que é bom pra isso, bom praquilo, mas depende do tomate né, eles colocam 5 tipo de agrotóxico no tomate cada dia botam um... aí tu vai somar aquilo ali é mai, quase uma coisa sintética né.. então isso aí tudo tem que ser medido não pra engolir as noticias conforme te passam ne... mas é uma coisa, consciência individual de cada um. (LEOMAR, 2014)

Nesse sentido, a percepção através do gosto dos alimentos denota um quadro em que aproxima elementos culturais e biológicos. Para além de uma confirmação dos efeitos positivos do alimento no organismo há uma construção simbólica entre os integrantes da rede a qual articulam o gosto literal dos alimentos ecológicos a uma comprovação de seus 'efeitos'.

A parte natural tem a ver com a constituição do que está na ponta do garfo e com o que acontece fisiologicamente quando a comida toca a língua de alguém. A parte cultural tem a ver com redes de expectativas e entendimentos sobre o gosto que as coisas devem ter, com quadros de referência relacionando o gosto seja à natureza dos alimentos, seja às consequências corporais, e com os vocabulários disponíveis para falar sobre eles e descrevê-los. E aqui presumimos que essas coisas são variáveis em termos temporais e culturais. E também não é evidente que o que acontece no palato pode ser separado do que acontece na constituição culturalmente variável da mente. Pode bem ser que a experiência do gosto seja, afinal, afetada mais profundamente por costumes e expectativas que variam no tempo do que pela mudança nas raças de porco ou pela perda das artes da culinária camponesa ou cortesã. (SHAPIN, 2013, p.100)

Neste trabalho, ao aproximar o alimento do corpo, numa perspectiva dialógica, observo algumas dimensões que desnivelam a lógica estritamente racionalizada das escolhas alimentares. No plano individual, há experiências cotidianas que aproximam esses atores à questão ecológica como a agência no

corpo e a percepção através do gosto. Dessa forma, a experiência vivida na relação saúde-doença e o corpo acabam se tornando produtor de hábitos de vida e discussões políticas. No plano coletivo há uma constante construção dos significados do alimento ecológico na rede local. O diálogo com redes ecológicas mais amplas e com outras redes propicia então o processo reflexivo em torno do que é aceitável nessa forma de vida, enquanto uma possibilidade de contornar os riscos da vida contemporânea.

5 Conclusão

Podemos observar que o movimento ecológico na região de Pelotas é formulado por uma polifonia de vozes. Diferentes eventos são significativos na construção desta forma de habitar o mundo a partir da questão ecológica. No capítulo II, trouxe alguns atores do movimento, no qual priorizei a interlocução com diferentes espaços de ação. No que tange aos agricultores há uma clara relação do universo ecológico com as questões religiosas de cada grupo. Ao priorizar a organização do movimento a partir das eclesiais de base²⁵, os grupos de agricultores se vinculam a diferentes espaços de ação e diferentes formas de organização. Além disso, outro evento que parece ser bem particular da construção do movimento na região é o fato de articular grupos urbanos na construção da rede ecológica, o que traz um caráter mais dialógico entre o produzir e o consumir.

Tentei, a partir da breve contextualização da organização do movimento ecológico, inferir algumas categorias que parecem ser importantes na visão de mundo pautada no ecológico. Coletivo, totalidade, natural e o tempo da natureza, são construtores não só da forma de ação dos atores ligados ao movimento (ligados ao produzir e o consumir), mas formulam compreensões na forma de organizar o *mundo*.

Como podemos observar pelas vozes do movimento, o ecológico, funciona em toda extensão da realidade social, supõe uma 'ordem' do mundo, composto não só pelo mundo terreno, mas pela totalidade gerenciada pela natureza (ou cosmos). O corpo aparece aqui como o elemento experienciador, onde se objetivam as mazelas dos riscos dos venenos e a sua prevenção através da *produção natural*. Nesse sentido, produzir e consumir ultrapassa uma lógica restrita de mercadoria e vincula significados que são ao mesmo tempo racionalizados e experienciados.

²⁵ É nítida a necessidade de coleta de mais dados de campo para compreender essa complexa relação entre os grupos de agricultores e as visões de mundo ligadas a cada Igreja. Entretanto, já é possível observar a importância que essas lógicas de mundo tem na inserção de um dos grupos no comércio institucionalizado.

REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: editora da Universidade Estadual Paulista, 1997. pp. 11-69.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Ed. 34, 2010. 384 p.

BROLESE, Lisiane Gonçalves *et al.* O Grupo de Agroecologia (GAE-UFPEL) interagindo com a sociedade urbana. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, out. 2007. ISSN eletrônico: 1980-9735.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. 2. ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CERTEAU, Michel de. Introdução geral. In: **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2002. pp. 37-51.

DA MATTA, Roberto. O trabalho de campo como rito de passagem. IN: **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Petrópolis: Vozes, 1981, p.150-173.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo: ensaios sobre a noção de poluição e tabu**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2013. 323 p.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002.

GUIVANT, Julia S. A trajetória das análises de risco: da periferia ao centro da teoria social. **Revista Brasileira de Informações Bibliográficas – ANPOCS**, 1998, n.46, p. 3-38.

KROSMEYER, Carolyn. **El sentido del gusto**. Comida, estética y filosofía. Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica, 2002.

LANGDON, Esther Jean; WIIK, Flávio Braune. Antropologia, Saúde e Doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado à saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010, v.18, n.3, p.173-181.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994, 152 p.

LATOURE, Bruno. **Políticas da natureza**: como fazer ciência na democracia. Bauru, SP: EDUSC, 2004. 412 p.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2012. 400 p.

LITTLE, Paul Elliot. Ecologia Política como etnografia: um guia teórico e metodológico. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 85-103, jan./jun. 2006.

MARQUES, Flávia Charão. **Velhos conhecimentos, novos desenvolvimentos**: transições no regime sociotécnico da agricultura: a produção de novidades entre agricultores produtores de plantas medicinais no sul do Brasil. 2009. (Tese de Doutorado). Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, 2009.

PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade Ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2010. 255p.

RABELO, Mírian Cristina M. Narrando a Doença Mental no Nordeste de Amaralina: relatos como realizações práticas. In: Rabelo MC, Alves PC, Souza IM, organizadores. **Experiência de Doença e Narrativa**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1999. p.75-87.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica. In: **Etnografia da duração**: etnografia das memórias coletivas em coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavisual, 2013. pp. 105-127.

SÁEZ, Oscar Calavia. **Esse obscuro objeto da pesquisa**: um manual de método, técnicas e teses em antropologia. Santa Catarina: Edição do autor, 2013. 224p.

SHAPIN, Steven. A mudança nos gostos: que gosto as coisas tinham no começo da era moderna e que gosto tem agora. **Novos Estudos**, 2013, p.99-121.

SOARES, Luiz Eduardo. Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil. In: LANDIM, Leilah (Org.). **Sinais dos tempos**: tradições religiosas no Brasil. Rio de Janeiro: ISER, 1989. p.121-144.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012. 384p.

WILDAVSKY, Aaron. Public policy. In: DAVIS, B. (Org.). **The genetic revolution. Scientific prospects and public perceptions**. Baltimore e Londres: The John Hopkins University Press, 1991.